

JOSÉ JORGE PERALTA

ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E
ANÁLISE DO TEXTO LITERÁRIO

- Elementos para um modelo Linguístico-Matemático
de análise estilística

VOL. 1

Tese de Doutorado apresentada à
área de Pós-Graduação em Linguísti
ca do Departamento de Linguística
e Línguas Orientais da Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Hu
manas da Universidade de S.Paulo.

Orientador: Prof.Dr.Cidmar Teodoro Pais

São Paulo
1979

PRÉAMBULO

Queremos registrar nossos agradecimentos a quantos colaboraram, direta ou indiretamente, para a elaboração do presente trabalho.

De modo particular, ao Prof.Dr.Cidmar Teodoro Pais, nosso orientador, pela segura orientação e paciência com que debateu conosco os rumos desta pesquisa;

Ao Prof.Dr.Antônio Cândido, pelo estímulo de sua atividade como pesquisador e como intelectual, e pelas sugestões, através de conversas informais, para a aplicação dos estudos linguísticos ao texto literário;

Aos dedicados e valorosos mestres e amigos, como os Profs. Drs. Carlos Drumond, João Alexandre Barbosa, Mara Aparecida Santilli, Aída Costa e José Carlos Garbuglio, que, entre tantos outros, estão indelevelmente presentes em nosso trabalho;

Ao Prof.Dr.Luadir Barufi, pela sua contribuição na preparação dos programas de computador e na montagem do modelo linguístico-matemático;

Ao Prof. Dr. A.J.Greimas, pela sua contribuição ao traçado de algumas alternativas de pesquisa, através de diálogos informais que pudemos manter;

Aos estagiários e assessores técnicos do Centro de Computação Eletrônica da USP, pela prestimosa colaboração prestada;

À Inez, pela coragem de seu constante estímulo e apoio;

A todos os mestres, colegas e amigos, cujo estímulo contribuiu decisivamente para o desenvolvimento desta pesquisa, nossos penhorados agradecimentos, na esperança de, ao menos em parte, termos correspondido às suas expectativas e à força de seu incentivo.

J.J.P.

À Inez
e aos nossos filhos
Daniel
e
Paulo José

ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS E ANÁLISE DO
TEXTO LITERÁRIO

- Marcas Linguísticas da Individualidade Estilística .

PLANO GERAL

1a. Parte

Estruturas Morfo-Sintáticas da Língua Portuguesa

2a. Parte

Elementos de Estruturas Lexicais e Análise Estilística

3a. Parte

Elementos de Estatística Linguística

4a. Parte

Perspectivas Não Linguísticas de Análise Literária

5a. Parte

Fernando Pessoa e Suas Máscaras Heteronímicas

6a. Parte

Modelo Linguístico-Matemático Aplicado à Análise de Textos
na obra poética de Fernando Pessoa.

7a. Parte

(Apêndice)

Textos e Dados Organizados pelo Computador.

ÍNDICE

	<u>pág.</u>
Preâmbulo	II
Plano Geral	IV
Índice	V
Apresentação Geral	IX
Abreviações Adotadas	XX
Símbolos Utilizados	XXI

1a. Parte

ESTRUTURAS MORFO-SINTÁTICAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Considerações Preliminares	1P-2
Plano	1P-4
I - O signo Linguístico e Suas Dimensões	1P-8
II - Estruturas das Categorias	1P-15
III - Estrutura Linear das Classes	1P-20
IV - Classe: Forma do Significado	1P-26
V - Transferência de Classe	1P-29
VI - Actância e Sistema Casual	1P-34
VII - Classe de Relação: A Voz	1P-43
VIII - Estruturação Interna das Formas do Significado	1P-56
IX - Estrutura Formal do Enunciado	1P-69
X - Sintactemas Constituintes do Enunciado	1P-74
XI - Indicadores Interlocutivos-Deícticos	1P-81
XII - Verbo Auxiliar e Aspecto	1P-89
XIII - Formulação Modal	1P-108
Bibliografia citada	1P-139

2a. Parte

ELEMENTOS DE ESTRUTURAS LEXICAIS E ANÁLISE ESTILÍSTICA

Plano		2P-2
I	- Léxico e Lexicologia	2P-3
II	- Campo Léxico e Esferas Conceituais	2P-28
III	- A Palavra e a Unidade Léxica - Da Palavra à Lexia	2P-52
IV	- A Palavra e a Vida	2P-64
	Bibliografia Específica	2P-69

3a. Parte

ELEMENTOS DE ESTATÍSTICA LINGUÍSTICA

Plano		3P-2
I	- Linguística, Estilística e Estatística	3P-4
II	- A Estatística - Suas Técnicas e Objetivos	3P-11
III	- O Modelo Matemático	3P-18
IV	- Teoria das Probabilidades - Base da Estatística	3P-22
V	- Estatística Linguística	3P-30
	Bibliografia Citada	3P-40

4a. Parte

PERSPECTIVAS NÃO LINGUÍSTICAS DE ABORDAGEM DA LITERATURA

Introdução:	Dimensão Linguística e outras Dimensões em Literatura	4P-2
I	- Perspectivas para Abordagem da Literatura Moderna	4P-5
II	- Arte num mundo em Crise	4P-7
III	- A Arte e o Tempo	4P-12
IV	- Arte e Ruptura	4P-16

V	- A Arte e o Público	4P-21
VI	- Arte e Libertação	4P-26
VII	- Expressão do Pessoal e do Social em Arte	4P-28
	Bibliografia Citada	4P-36

5a. Parte

FERNANDO PESSOA E SUAS MÁSCARAS HETERONÍMICAS

Introdução:	O Estudo Crítico e as Estruturas Linguísticas	5P-2
Plano		5P-3
I	- Fernando Pessoas e seus Heterônimos	5P-4
II	- Fernando Pessoa - Desconcertante arauto num mundo Triturado	5P-9
III	- O Processo Heteronímico	5P-42
IV	- Alberto Caeiro, O Poeta da Natureza	5P-62
V	- Ricardo Reis, Um Paradoxal Neoclássico Moderno	5P-78
VI	- Álvaro de Campos, o Filho Indisciplinado da Sensação	5P-91
	Bibliografia Específica	5P-113

6a. Parte

MODELO LINGUÍSTICO-MATEMÁTICO APLICADO À ANÁLISE E TEXTOSNA OBRA POÉTICA DE FERNANDO PESSOA

Considerações Preliminares		6P- 2
I	- Estrutura Operacionalizada do Modelo	6P- 6
II	- Tabelas e Gráficos	
	1. Montados a partir dos dados do Computador	6P- 45
	2. Montados pelo computador	6P- 140
III	- Estudo Analítico dos Dados Fornecidos pelo Computador	6P- 204
IV-	CONCLUSÃO FINAL	6P- 235

7a. Parte

TEXTOS E DADOS ORGANIZADOS PELO COMPUTADOR

Nota Preliminar	7P-2
Plano	7P-4
1. Textos e Dados de Fernando Pessoa	7P-5
2. Textos e Dados de Alberto Caeiro	7P-81
3. Textos e Dados de Ricardo Reis	7P-139
4. Textos e Dados de Álvaro de Campos	7P-191
5. Léxico total dos Quatro Heterônimos	7P-277

INTRODUÇÃO GERAL

A LINGUAGEM E O POEMA

1. O Modelo Linguístico e o Corpus analisado

- 1.1. A presente pesquisa propõe-se fornecer elementos para a elaboração de um modelo linguístico-matemático de análise estilística de textos literários. Situamo-nos no ponto de vista da linguística. No entanto, tratando-se de um tema limítrofe com outros ramos das ciências humanas, precisamos fazer algumas incursões pela problemática específica da literatura, das artes e da estatística.

Diante da complexidade das estruturas linguísticas, semânticas e estilísticas do texto literário, nosso contributo é, sem dúvida, pequeno e desprezível. Os próprios dados levantados ainda admitem muitas outras análises, de outras perspectivas. Os temas teóricos abordados, foram reduzidos aos elementos indispensáveis à caracterização de nossa perspectiva de análise. Não há como ser exaustivo em tal tipo de pesquisa. Por outro lado algumas proposições nossas certamente são questionáveis. Mesmo a análise dos dados pode não ter focado os aspectos mais significativos. No entanto os dados estão aí, à disposição. Podem se prestar a outros tipos de análise. Este talvez seja o contributo específico desta pesquisa. O processamento dos dados que analisamos, com seus milhares de alternativas, foi feito por computador, unindo-se, assim, a rapidez e a fiabilidade da máquina, malgrado o trabalho incalculável exigido pela elaboração de programas próprios e adequados ao corpus e aos objetivos propostos.

Embora tenhamos dedicado largo espaço à linguística teórica, a cada passo deixamos clara nossa área de maior interesse: a linguística aplicada. Sem dúvida, a linguística, como ciência, é imprescindível, neste tipo de estudo. Só ela nos permite definir, delimitar

e caracterizar com precisão as unidades da linguagem a serem analisadas. Sendo a linguagem articulada um dos elementos fundamentais que caracterizam os seres humanos, como instrumento de convivência, intercomunicação, auto-expressão e reflexão, preferimos não a abordar aqui como elemento neutro de pesquisa. Procuramos detectar na linguagem, as marcas do homem. O modelo que propomos é aplicado a textos literários. Dada a complexidade do assunto, e a dimensão essencialmente comparativa da estilística, quisemos contrapor posições e perspectivas diferentes de abordagem de uma obra artística. Diferentes mas complementares.

- 1.2. Testamos o modelo proposto na obra de Fernando Pessoa. Poderíamos testá-lo, analisando a obra de diferentes autores de uma determinada época, ou de autores de diferentes épocas (1).

Por quê Fernando Pessoa? Sua obra sempre nos fascinou, com seus enigmas e sua capacidade de enfrentar e até afrontar a problemática humana, situando-se no âmago das questões abordadas, com a sua variedade de linguagens, seus paradoxos e seus heterônimos. Esse "Homem Nação" de que fala Sã-Carneiro (2) que consegue produzir "toda uma literatura" (3), com sua penetração impressionante na atualidade, é sem dúvida, um campo rico de pesquisa científica.

Sua diversidade é um desafio. Quisemos, testar até onde, do ponto de vista da linguística, seria possível estabelecer modelos capazes de captar toda essa variedade de linguagens e estilos; essas diferentes visões de mundo, tão sensíveis, intuitivamente, ao "leitor".

- 1.3. Assim sendo, a questão que nos propusemos foi a seguinte: O estilo de Pessoa consegue ser, de fato, diferente, na obra de cada heterônimo e dele próprio? Pessoa conseguiu individuar os heterônimos nos pro

cessos expressivos? Será possível estabelecer um modelo linguístico que demonstre a afirmação de F.Pessoa de que

"nos autores das "Ficções de Interlúdio", não são só as idéias e os sentimentos que se distinguem dos meus: a mesma técnica da composição, o mesmo estilo, é diferente do meu. Aí, cada personagem é criada integralmente diferente, e não apenas indiferentemente pensada"?

(O.P.p.198) (a)

Ou tem razão J.do Prado Coelho ao contradizê-lo parcialmente afirmando que

"mau grado a sua admirável diversificação, na obra de Pessoa, ortônima e heterônima, em verso e em prosa, descobrem-se rasgos linguísticos comuns que permitem assinalar a existência dum estilo único, reflexo dum originalidade pessoal inconfundível"?

(Coelho,1969:171)

Em que estruturas se manifesta essa "admirável diversidade"? Pessoa é de fato diversos "autores" com diversas obras e diversos estilos, ou, no estilo, não conseguiu se "outrar"? (4) Ao lado do "estilo único", marcado por imprescindíveis traços linguísticos comuns, é possível distinguir traços linguísticos próprios de cada heterônimo pelos quais podemos caracterizar a individualidade de cada heterônimo, marcando a "admirável diversidade" da obra de Pessoa?

(a) As citações das Obras Completas de Fernando Pessoa, neste estudo, são assinaladas com as iniciais "O.P." para a Obra Poética e "O.Pr." para a "Obra em Prosa".

2. Análise científica de F.Pessoa, um paradoxo?

Não será mais um paradoxo tentar uma análise científica da obra de F.Pessoa? Ciência e poesia terão convivência possível? A análise linguística terá algum poder diante do poema?

2.1. Fernando Pessoa desdenhou da inteligência, negando-lhe - condições de solucionar ou mesmo adentrar de fato na existência dos valores humanos. Estes se encontram num mundo que transcende os valores daquela. Ao pretender se aproximar deles, ela não consegue passar da soleira da porta.

Por conseguinte, Pessoa tinha atitude idêntica para com a ciência, cujas limitações ironizou inúmeras vezes em toda a sua variada e multifacetada obra.

"A ciência, a ciência, a ciência...

Ah, como tudo é nulo e vão!

A pobreza da inteligência

Ante a riqueza da emoção!

(...)

A ciência! Como é pobre e nada!

Rico é o que alma dá e tem"

(4.10.34) (O.P.p.580)

Parece-nos até que uma das vertentes de sua obra se situa neste binômio:

"A pobreza da inteligência

Ante a riqueza da emoção!"

2.2. Aliás, não é este o fulcro básico do projeto de seu poema dramático, FAUSTO, que, embora não tenha chegado a realizar, permaneceu como uma obsessão poética em toda a sua vida? Pessoa descreveu a idéia básica deste poema nestes termos:

"O conjunto do drama representa a luta entre a Inteligência e a Vida, em que a Inteligência é sempre vencida" (O.P.p.709)

O quinto e último ato deste poema dramático era por Pessoa descrito como

"a falência final da Inteligência ante a Vida".

(O.P.p.710)

Desta obra (Fausto), com os estupendos horizontes que lhe tragara o autor, só restaram alguns fragmentos e projetos. No entanto acreditamos que dela, ou da gestação dela, partam os grandes vetores que criaram todo o restante de sua obra realizada. Aqui estão as idéias-força que a alimentam.

Posicionando-se no antagonismo Inteligência-Vida, Pessoa escreve em um dos fragmentos do Fausto que nos legou:

"Do fundo da inconsciência
Da alma sobriamente louca
Tirei poesia e ciência,
E não pouca
Maravilha do inconsciente!
Em sonhos, sonhos criei.
E o mundo atônito sente
Como é belo o que lhe dei.
Só a loucura é que é grande!
E só ela é que é feliz!"

(O.P.p.466)

A esta idéia faz eco, no poema "Dom Sebastião", em "Mensagem":

"Minha loucura, outros que me a tomem
Com o que nela ia.
Sem a loucura, que é o homem
Mais que a besta sadia,
Cadáver adiado que procria?"

(O.P.p.76)

2.3. A grande batalha da Inteligência contra a Vida é violentamente travada na obra de Pessoa. Aí o homem se debate para subsistir. E consegue-o. A duras penas, mas consegue-o. O homem a quem o mundo moderno procura triturar com seus engodos pseudo-humanísticos ou pseudo-científicos aí se degladia com seus opressores.

Alguns dos poemas de Álvaro de Campos podem contar-se - entre os documentos mais pungentes e as denúncias mais veementes da situação do homem oprimido em um mundo - opressor. E não será também isto mesmo que diz a obra de Caeiro, Reis e Pessoa, em uma de suas dimensões?

O equilíbrio Inteligência/Vida, Ciência/emoção será possível? Impossível? A questão é pertinente? Não pertinente? Pouco importa. A grande mensagem é manter a luta. Para que o homem subsista com seus valores fundamentais.

Nada de calmarias. A vida é um paradoxo.

A obra de Pessoa é toda ela um desafio permanente. Ou de desafios? O desafio de que estamos tratando é um de seus pilares. Há outros? E quantos!

2.4. Caeiro, com seu anti-intelectualismo constitucional, diante de uma análise científica deste tipo, repetiria desassombrado, lastimando:

"tristes de nós que trazemos a alma vestida:

(Poema XXIV - G.Reb.)(O.P.,p.217)

E apelaria para a necessidade de se conseguir

"Uma aprendizagem de desaprender" (ib.)

Talvez ainda nos repetisse, ironicamente, falando de como deve ser considerada a poesia:

"O mundo não se fez para pensarmos nele

{Pensar é estar doente dos olhos)

Mas para olharmos para ele e estarmos de

acordo..." (Poema II - G.Reb.)(O.P.p.205)

Concordamos que a "poesia" é para ser fruída, como uma flor para ser olhada, e só. O "prazer do texto" é essencial. Analisar um poema, talvez seja "não compreendê-lo". E uma análise de estruturas linguísticas é pouco poética. Não temos, pois, qualquer pretensão de nos situarmos no mundo da poesia, numa primeira fase da análise.

3. Poética e as Estruturas Linguísticas

3.1. Afinal, diante das posições acima descritas o que buscamos nós, com uma tese de linguística, em que pretendemos uma análise científica da obra poética de Pessoa? Que tem a linguística a ver com poesia?

Como ponto de partida devemos declarar que não temos qualquer pretensão de explicar a obra poética de Pessoa. A linguística é impotente para captar a poesia. As estruturas linguísticas de que é feito um poema, não são o poema. A poesia está no que é dito em associação com o que é pressuposto, não se dizendo.

Bem declarou Roman Jakobson que

"A função poética projeta o princípios de equivalência do eixo de seleção sobre o eixo de combinação"

(Jakobson, 1969:130)

Poesia é ritmo, sonoridade; serve-se de imagens, figuras de estilo, inversões, associações inesperadas. Tudo isto ao mesmo tempo, e muito mais do que isto.

3.2. A linguística só analisa o sintagma. Como pode pretender captar a poesia, se ela não está aí? A poesia está além do texto, além das palavras e construções sintáticas utilizadas. A poesia subsiste num imponderável mundo de "mistério", num mundo de bruma. Resiste ao enquadramento linguístico e a qualquer esquema científico de abordagem. Ela se manifesta no mais profundo das vivências pessoais do "leitor" nos parâmetros de sua visão de mundo, de suas crenças, - emoções e sentimentos, na argamassa de seu ser profundo, além das contingências físicas. É um dos alimentos vitais da alma humana.

Em verdade, o poema em si resiste a toda análise. Passaram rios de tinta sobre o quadro da "Monalisa" de L. Da Vinci e o mesmo continua o mesmo enigma. Também às análises de um poema poderíamos aplicar este poema de Caetano:

"Passou a diligência pela estrada e foi-se;
E a estrada não ficou mais bela, nem sequer mais
/feia.

"Assim é a ação humana pelo mundo afora.
Nada tiramos e nada pomos; passamos e esquecemos;
E o Sol é sempre pontual todos os dias".

(ib. Poema XLII)(O.P.,p.224)

Desdenhamos da análise linguística? Não. Apenas reconhecemos suas limitações diante do fato poético. No entanto não podemos esquecer que

"A Poesia é, antes de mais nada, um objeto verbal".
(O.Paz,p.144)

Uma obra de arte é também um artefato. Admite todo o tipo de análise que os elementos e códigos utilizados permitirem. Nós situamos nossa pesquisa em alguns elementos linguísticos. E de uma análise linguística só se pode esperar o que ela é capaz de captar numa obra literária, dentro dos limites que se impõe.

Não esqueçamos, no entanto que, se o poema está além das estruturas linguísticas, é por estas que se tem acesso àquele. Digamos que as estruturas linguísticas são somente o frontispício do poema, ou a soleira da porta... Seja o que for. A poesia começa aí. Não é tudo. Não é o principal. É muito pouco. Mas começa aí. Para que o eixo sintagmático se projete sobre o paradigmático, é preciso que aquele exista. As estruturas linguísticas são pois uma via de acesso válida para análise e interpretação do poema. Limitada, mas válida. O texto linguístico é o ponto de partida.

3.3. Partimos do pressuposto fundamental de que as estruturas linguísticas selecionadas pelo autor, mormente ao modalizá-las, condicionam a cosmovisão do poeta diante da vida e do mundo. A modalização da linguagem estabelece os índices vetoriais de um texto. Assim, quanto mais nos aprofundamos em tais estruturas, mais nos aproximamos desse mundo imponderável que é a cosmovisão que o autor, consciente ou inconscientemente, pretende manifestar.

Acreditamos que, em um texto, há dimensões estilísticas que estão além do autor: há as que manifestam determinada época, determinada geração, ou região. Mas há também as que individualizam o próprio autor, ou determinado momento deste. Por isso analisamos as estruturas linguísticas em muitas dimensões. Tentamos nos embrenhar, quanto pudemos, no mundo da linguagem.

Adentraremos tanto mais na cosmovisão manifestada pelas estruturas linguísticas, quanto mais profundamente nos conseguirmos embrenhar nas mesmas, delimitando e definindo unidades cientificamente analisáveis. Ficar nas estruturas mais genéricas do léxico ou da sintaxe, esquecendo, por exemplo, a sua modalidade no contexto, é ficar mais próximo da cosmovisão que caracteriza o sistema como um todo, do que aquela que caracteriza determinado autor em determinado momento.

3.4. Em nossa análise, preocupado em ter presentes tais pressupostos teóricos, procuramos, como ponto de partida, de finir as unidades linguísticas a analisar. Assim sendo abordamos o léxico, estabelecendo as classes a que pertencem seus elementos, a função que exercem no sintagma, e as formas de formulação modal utilizadas.

Os aspectos semânticos das unidades analisadas, situados na modalização, são os mais complexos, no ato de descrição dos textos, mas consideramo-los de fundamental importância na análise estilística. Consideramos esta contribuição talvez, a mais promissora do modelo de análise estilística que propomos aqui.

Não damos por encerrada nossa pesquisa. Consideramo-la, simplesmente, iniciada.

NOTAS À INTRODUÇÃO

- (1) O nosso projeto inicial incluía uma aplicação do modelo a outros corpus menores: após a análise de Fernando Pessoa, aqui apresentada, faríamos uma comparação dos resultados obtidos com outros autores modernos portugueses, contemporâneos de Pessoa, da geração do "Orpheu" ou da "Presença": Sã-Carneiro, Almada Negreiros e José Régio. Em seguida ampliariamos a análise, estendendo-a a autores brasileiros modernos: João Cabral de Melo Neto, Guilherme de Almeida e Carlos Droumond de Andrade. No entanto, com toda essa extensão, tornou-se impraticável. Reduzimos o projeto à obra poética de Pessoa e seus Heterônimos que consideramos suficiente. Outras pesquisas poderão ampliar o trabalho. Aliás, um teste de validade mais ampla poderia ser feito na aplicação do modelo a obras em prosa. Seria certamente muito reveladora a montagem de um corpus em que pudessem ser comparadas as estruturas linguísticas de Guimarães Rosa, Graciliano Ramos e Clarice Lispector, v.g.; ou Antônio Vieira, Eça de Queirós e Graciliano Ramos; ou Camões, Bocage, Antero e Pessoa, podendo se contrapor, inclusive, folhetos de literatura de Cordel. Enfim seria possível pensar inúmeras alternativas para ampliar a pesquisa nesta área. O campo é aberto e extenso.
- (2) Carta de Sã-Carneiro a Fernando Pessoa, datada de Paris, - 24 de agosto de 1915. (Sã-Carneiro, 1959:69)
- (3) Carta de Pessoa a Cortes-Rodrigues de 19.1.1915.
(Pessoa, 1944:37)
- (4) A Análise estilística através das estruturas linguísticas é uma tarefa muito complexa; sempre será, necessariamente, parcial. As conclusões serão, por isso, igualmente parciais, limitadas aos aspectos analisados. No nosso primeiro projeto de trabalho, apresentado e discutido em colóquio de pesquisa do curso de Pós-Graduação, em setembro de 1972, abordávamos outras unidades, mais ligadas às linguística-semântica: o processo metafórico e metonímico. Alguns elementos desta pesquisa inicial foram apresentados

em comunicação científica à XXIV e XXVI Reunião Anual da SBPC, em 1972 e 1974, respectivamente sob o tema "Contribuições da Linguística aos Estudos de Estilística", e "O Processo Metafórico e Metonímico, como um dos recursos básicos da expressividade na comunicação humana - Problemas de Estilística Semântica". Desenvolvemos outros aspectos do tema em cursos de Especialização, em 1975, aprovados e homologados pela Secretaria da Educação, sob os temas: "Estruturas Linguísticas e Expressividade de Linguagem" e "Linguística e Estilística - Aspectos da Linguística Aplicada. No entanto, apesar de termos esquematizada a parte teórica, deixamos de lado, provisoriamente, tal pesquisa, devido à dificuldade encontrada na formulação de um modelo quantificável de tais estruturas.

ABREVIÇÕES ADOTADAS

AC	- Acusativo	Se	- Significante
Act	- Actância	SI	- Esquema Integrado
Adj	- Adjetivo	Si	- Sintaxe
AG	- Agentivo	SIT	- Situativo
Ax	- Auxiliar	SO	- Significado
AxD	- Auxiliar de Desenvolvimento	SN	- Sintagma Nominal
AxM	- Auxiliar de Modalidade	SOC	- Sociativo
AxP	- Auxiliar de Predicação	ST	- Substituto
B	- Base	SV	- Sintagma Verbal
BEN	- Beneficiário	T	- Domínio Temporal
CAUS	- Causal	Tr	- Transferência
DAT	- Dativo	V	- Virtuema
Dep	- Dependente	Vb	- Verbo
DESC	- Descritivo		
DT	- Determinante		
E	- Domínio Espacial		
EM	- Elementos Marginais		
EN	- Enunciado		
EQ	- Equitativo		
ERG	- Ergativo		
ES	- Esquema Subjacente de entendimento		
F	- Função		
FIN	- Final		
G ou Gr	- Gramema		
IN	- Indicador		
INS	- Instrumental		
L, Lx ou Lex	- Lexema		
Loc	- Locativo		
N	- Domínio Nocial		
NOM	- Nominativo		
NU	- Núcleo		
POS	- Possessivo		
PR	- Predicado		
QT	- Quantificador		
Rel	- Relação		
RL	- Relacionante		
Sb	- Substantivo		

SÍMBOLOS UTILIZADOS

{ }	elementos de um conjunto
+	vetor semântico
+	implicação simples (se... então...)
↔	dupla implicação (se, e somente se, então...) - equivalência lógica da sentença.
∪	união (reunião) (...união...)
∩	intersecção (...inter...)
⊂	inclusão (sentido estrito) (...é subconjunto próprio de...)
⊃	contensão (sentido estrito) (...contém propriamente o conjunto...)
ε	pertinência (... pertence ao conjunto...)
≠	não-igual (... é diferente de...)
∞	semelhança (alterna com) (dotado ou não de potência)
+,-	dotado de potência, ou não
+,-	em posição de anterioridade, ou de posterioridade
<	provém de
>	conduz a
∅	conjunto vazio (zero)

- Sintagma ou grupo nominal (SN ou GSB)
- △ Adjetivo ou grupo adjetivos (GAdj)
- Sintagma Verbal (SV ou GVb)
- ▣ Verbo auxiliar Modal (AxM) ou de Predicação (AxP)
- ▤ Verbo auxiliar de Desenvolvimento (AxD)
- ⊗ Lugar de um elemento nominal ou SN transferido.
- / / transcrição fonológica
- [] transcrição fonética

1a. Parte

ESTRUTURAS MORFO-SINTÁTICAS
DA LÍNGUA PORTUGUESA

- Elementos para a Formulação de um
Modelo Operacional de Descrição Linguística

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Propusemo-nos, nos estudos que seguem, elaborar algumas sínteses das estruturas que nos serviram de base para a descrição e análise das estruturas linguísticas, morfológicas, sintáticas e semânticas, da língua portuguesa, nos textos que analisamos. Esta, aliás, foi a nossa primeira reflexão e formulação de princípios, tendo em vista a delimitação e caracterização das unidades linguísticas a descrever nas diversas dimensões que abordamos. Como precisamos fazer a análise de grande número de estruturas linguísticas, em extenso corpus, sem este estudo inicial que nos forneceu uma caracterização precisa das diversas unidades formais e suas diversas dimensões no contexto, seria impossível alcançar precisão científica na pesquisa. Demos ênfase especial à modalidade e auxiliarização por serem alguns dos aspectos em que mais nos detivemos, e pela riqueza a análise e perspectivas que nos proporcionam.

Enquanto, por um lado, omitirmos alguns capítulos inicialmente previstos, por outro, alguns aspectos das estruturas - linguísticas foram por nós brevemente abordados, quer por não os considerarmos essenciais à pesquisa e análise linguística e estilística a que nos propusemos, quer por considerarmos suficientes ao nosso objetivo os temas aqui elaborados.

Em todo este estudo, tivemos presentes e tomamos como ponto de partida as teorias propostas por Bernard Pottier em diversos trabalhos seus e de alguns seus discípulos. Seguimos mais de perto o seu tratado "Linguistique Generale". Tais teorias, no entanto, foram por nós, em parte, reelaboradas ou livremente consideradas, ampliadas ou simplificadas, adequando-as aos nossos objetivos. Eventualmente tomamos rumos diferentes sempre que considerarmos outras posições e outros tipos de abordagem mais adequada à nossa meta específica, uma vez que nossa questão se prenda mais à linguística aplicada.

Procuramos, basicamente, fornecer elementos para a formulação de um modo operacional de descrição linguística de textos literários.

Em síntese, precisamos do modelo de descrição linguística - aqui proposto para a aplicação do mesmo em textos poéticos. Pelo que poderemos observar na parte aplicada, o modelo funciona.

Como objetivo mais profundo, tomamos como ponto motivador a hipótese prévia de que a combinatória das estruturas morfo-sêmio-táxicas utilizadas por um autor manifestam a visão de mundo que o texto pretende propor. A caracterização científica das unidades linguísticas a serem estudadas é pressuposto fundamental para que se possa testar tal hipótese. É isto que, sem pretensão de exaustividade ou grandes inovações, procuramos apresentar a seguir.

ESTRUTURAS MORFO-SINTÁTICAS
DA LÍNGUA PORTUGUESA

PLANO

I - O SIGNO LINGUÍSTICO E SUAS DIMENSÕES

1. Características Gerais
2. Características do Domínio Semântico
3. Características da Forma do Significado
4. Características do Significante
5. Estrutura e Função do Signo Linguístico
(Níveis do Signo)

II - ESTRUTURAS DAS CATEGORIAS

1. Categorias Formais
2. Os Morfemas
3. Tipos de Lexias
4. Classes Lexicais
5. Conteúdo Semântico das Classes
6. Classes Gramaticais
7. Critérios para Classificação das Unidades Formais

III- ESTRUTURA LINEAR DAS CLASSES

1. Elementos Ligados
2. Classes em { L,G }
3. Classes em { G }
4. Quadro das Estruturas Lineares das Classes Lexicais

IV - CLASSE: FORMA DO SIGNIFICADO

1. Diversidade Formal
2. Substância Semântica e Classe

V - TRANSFERÊNCIA DE CLASSE

1. Classes Primitivas e Derivadas
2. O Significado Imediato e o Subjacente das Classes
3. Transferência de Classe por Integração

VI - ACTÂNCIA E SISTEMA CASUAL

1. Eixo de Actância: Principal e Dependente
2. Actância Primária e Actância Secundária
3. Sistema Casual
 - 3.1. Os casos
 - 3.2. Módulo Casual
4. Caso Conceitual e os Actantes
5. Polissemia dos Relacionantes e dos Casos

VII - CLASSE DE RELAÇÃO: A VOZ

- A. Caracterização das Vozes
 1. Conceitos Gerais
 2. As principais Vozes
 3. Transferência de Voz
- B. Conteúdos das Vozes
 4. Voz Ativa
 5. Voz Atributiva
 - 5.1. Conceitos Gerais
 - 5.2. Voz Atributiva com um actante
 - 5.3. Voz Atributiva com dois actantes
 - 5.4. Atributivo com base

VIII- ESTRUTURAÇÃO INTERNA DAS FORMAS DO SIGNIFICADO

1. Nível Hierárquico das Estruturas Linguísticas
2. Sintagma Nominal
3. Grupo Adjetival
4. Sintagma Verbal
5. Quadro Geral das Estruturas do Enunciado

IX - ESTRUTURA FORMAL DO ENUNCIADO

1. Estrutura Formal
2. Estrutura Geral do Enunciado Fundamental
 - 2.1. Elementos do EN
 - 2.2. Elementos de Base
 - 2.3. Efeito da ordem
 - 2.4. EN na Voz atributiva-passiva

X - SINTACTEMAS CONSTITUINTES DO ENUNCIADO

1. Os Sintagmas
2. Os Sintactemas
3. Caso Especial no Predicado
4. Os Diversos Sintactemas
5. Quadro Geral dos Sintactemas

XI - INDICADORES INTERLOCUTIVOS-DÊITICOS

1. Considerações Gerais
2. Dêixis Espacial
 - 2.1. Localizador
 - 2.2. Demonstrativo
 - 2.3. Presentativos
3. Dêixis Temporal
4. Dêixis Nocial
5. Quadro Exemplificativo dos Dêiticos

XII- VERBO AUXILIAR E ASPECTO

A)- Critérios de Auxiliaridade

1. Classificação dos Verbos Quanto à Significação
2. Caracterização da Auxiliaridade
3. O Verbo Auxiliar na Classe Verbal
4. Auxiliares de Incidência Direta e Indireta
5. Auxiliaridade: Uma Questão Aberta

B)- Proposta de um modelo de Auxiliarização

6. Noções Gerais
7. Auxiliar de Predicação
8. Auxiliar de Desenvolvimento
9. Auxiliar de Modalidade
 - 9.1. Generalidades
 - 9.2. Classificação dos AxM
 - 9.3. Caracterizações Genéricas

XIII - FORMULAÇÃO MODAL

- Formas e Valor Expressivo

1. Abrangência e Caracterização Geral
2. Modalidade de Texto
 - 2.1. Enunciado e Modalidade
 - 2.2. Enunciado Modal e Outros Enunciados
3. Forma Linguística da Modalidade
 - 3.0. O Linguista e o Semantista
 - 3.1. O Eixo Modal
 - 3.2. O Modo
 - 3.3. A Dependência Modal
 - 3.4. Afinidade entre as Formulações Modais
 4. Outras Formas Linguísticas da Modalidade
 - 4.1. Asserção
 - 4.2. Negação
 - 4.3. Interrogação
 - 4.4. Hipótese: Conotação de Dúvida
5. Função Expressiva do Modo e Formas Nominais
 - 5.1. O Modo
 - 5.2. As Formas Nominais
6. O Determinante
 - 6.1. Características Gerais
 - 6.2. Funções do Determinante

O SIGNO LINGUÍSTICO E SUAS DIMENSÕES1 - Características Gerais

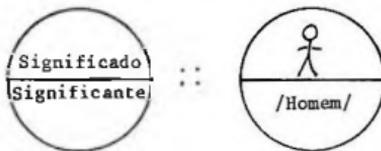
1.1. O Signo é a noção básica das ciências da linguagem.

É uma noção muito complexa e de dimensões muito variadas e por isso difícil de definir. Aplica-se tanto a entidades verbais (linguísticas) como não verbais (outros códigos semióticos).

Qualquer que seja a sua dimensão ou o código semiótico empregado, o signo tem sempre dois constituintes fundamentais.

Signo = Significante + Significado

Em essência, continua válido o esquema de Saussure:



A relação entre os dois componentes do signo é de dupla implicação:

Significante \longleftrightarrow Significado

Significantes sem significado não é signo; Significado sem significante também não é signo. O significante é sempre uma entidade sensível. Conforme o código semiótico utilizado, é audível, visível, palpável, etc.

O significado é marcado pela ausência, mantendo-se imamente no significante. Liga-se ao "mundo" sócio antropo-cultural da comunidade ou sociedade que utiliza tal signo. É uma realidade convencional. Todo o signo envolve, pois, duas faces distintas: uma presente, sensível -o significante; outra ausente, convencional -o significado.

O signo não existe fora de uma sociedade. Ele é essencialmente uma entidade social. Apenas existe para determinado grupo que o utiliza. É sempre institucional.

Caracterizar o signo é assinalar a diferença radical entre o significante e o significado, entre a face presente e a ausente, entre a sensível e a não-sensível. Um "objeto" torna-se signo no momento exato em que se lhe atribui um significado, tornando-o significante. A dupla implicação significado/significante é essencial ao signo. Um "objeto" (forma linguística, v.g.), sem significado, não é signo.

- 1.2. Por outro lado, um signo faz parte de um sistema com o qual se relaciona e do qual depende. Nesse sistema o significado de cada signo, está delimitado pelo significado de outros, envolvendo todo o universo antropológico-cultural dos utentes em determinada comunidade.

O significado de um signo só é realmente apreensível em oposição ao significado de outros signos que com ele se relacionam num mesmo sistema. Um signo existe pelas relações de que participa em determinado sistema.

O significado é sempre um continuum formado por um conjunto de signos que o recortam (enquanto o plenificam) em diversas dimensões e pontos de vista, formando uma rede sígnica, em relação de inclusão, intersecção e exclusão. O significado de um signo somente é inteligível em relação aos outros, num mesmo sistema.

A relação entre o significado e o significante de um signo denominamos significação.

- 1.3. Precisamos ainda distinguir dois tipos de significação admissível para um mesmo signo: a significação de função referencial - denotação; e a significação de função evocativa.

A função referencial produz-se entre o signo e o referente, objeto real, e não entre um significante e um

significado. A seqüência /maçã/, não se liga ao significado "maçã", mas o próprio signo maçã é que se liga às maçãs reais presentes e ausentes.

A função referencial parece ser marginal na caracterização do signo, se a contrapomos à função de representação ou evocativa, que marca a aparição de uma imagem mental do utilizador do signo.

Alguns linguistas simplificam denominando sob o nome da função referencial, o que referimos como função referencial e evocativa. De fato o "objeto" evocação é também uma forma de referente.

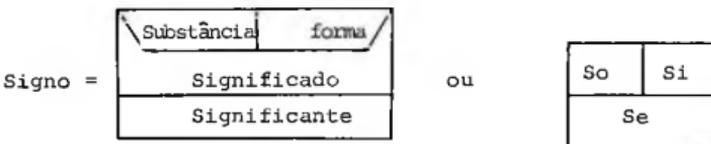
A significação de função conotativa que se prende à simbolização, é uma associação entre duas unidades do mesmo nível (dois significantes ou significados). A palavra maçã pode significar, (referencialmente) o objeto maçã; mas pode, em determinado contexto, significar "relação amorosa", por função conotativa. Na linguagem da arte é fundamental a função conotativa do signo.

- 1.4. Pottier, de modo mais sistemático, subdivide o significado, distinguindo nele:

- a substância (específica)
- e a forma (genérica),

igualmente interdependentes.

Teríamos então



A substância do significado é constituída por conjuntos de traços semânticos, (domínio da semântica).

A forma do significado é caracterizada por traços classificatórios que são a base das categorias, (domínio da sintaxe).

Em muitos signos, há uma intersecção de significados, no domínio semântico (substância), motivada por uma correspondente intersecção de significantes:

"+"	<u>Sapataria</u> ,	<u>Livraria</u> ,	<u>açougue</u>	"-"
	Sapato	livro	carne	

O domínio semântico é relativamente aberto e permite uma grande variedade combinatória. O domínio da sintaxe é estável, permitindo uma combinatória muito restrita.

2. CARACTERÍSTICAS DO DOMÍNIO SEMÂNTICO (significado)

- 2.1. A substância do significado (So) de um signo é constituída por um conjunto de traços distintivos de significação. Em nível de morfema (signo mínimo), ao conjunto de traços distintivos chamamos semema; a cada traço distintivo chamamos sema:

$$\text{Semema} = \{ \text{Sema}^1, \text{Sema}^2, \dots, \text{Sema}^n \}$$

Os semas podem ser de natureza diferente: Uns são denotativos e determinam, de forma estável e com plena aceitação social, o significado de determinado signo.

Ex: poltrona: para sentar, / com pés, / com encosto, / para uma pessoa/...

Outros semas são conotativos e caracterizam de uma forma instável, e, eventualmente, individual, a significação de um signo. (Ex: rosa = amor)

- 2.2. Os semas denotativos podem ser específicos, pois permitem distinguir dois semas próximos (ex: /dois/, em bifásico, em oposição a trifásico); ou genéricos, pois indicam pertença a uma categoria geral (ex: /material,/ para bifásico e trifásico).

Pottier estabeleceu a seguinte terminologia para caracterizar os diversos tipos de sema:

- Semantema: para o conjunto de semas específicos
- Classema: para o conjunto de semas genéricos
- Virtuema: para o conjunto de semas conotativos.

Em esquema:

Denotação: {	Semas específicos	Semas genéricos
Conotação: {	Semas Virtuais	

ou:

Semema =	<table style="border-collapse: collapse; width: 100%;"> <tr> <td style="border: 1px solid black; padding: 2px;">Semantema</td> <td style="border: 1px solid black; padding: 2px;">Classema</td> </tr> <tr> <td colspan="2" style="border: 1px solid black; padding: 2px; text-align: center;">Virtuema</td> </tr> </table>	Semantema	Classema	Virtuema		=	<table style="border-collapse: collapse; width: 100%;"> <tr> <td style="border: 1px solid black; padding: 2px; text-align: center;">S</td> <td style="border: 1px solid black; padding: 2px; text-align: center;">C</td> </tr> <tr> <td colspan="2" style="border: 1px solid black; padding: 2px; text-align: center;">V</td> </tr> </table>	S	C	V	
Semantema	Classema										
Virtuema											
S	C										
V											

3. CARACTERÍSTICAS DA FORMA DO SIGNIFICADO (sintaxe)

A forma do significado (Si) é integralmente integrante da substância do significado (So), nela se inserindo plenamente. Uma substância somente tem estatuto linguístico, quando colocada em forma através das classes (partes do discurso).

O lexema e o gramema são formados de unidades mínimas de forma.

Uma mesma substância pode ser apresentada sob diversas formas. O resultado expressivo também será diferente pois a sinonímia total não existe:

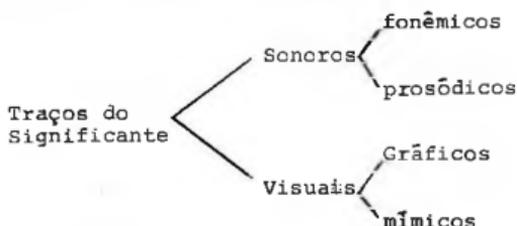
$$\underbrace{\text{Subst.}^1 + \text{forma}^1}_{\text{Significado A}} \quad / \text{V} / \quad \underbrace{\text{Subst.}^1 + \text{forma}^2}_{\text{Significado A'}}$$

4. CARACTERÍSTICAS DO SIGNIFICANTE

Entende-se por significante (Se) o veículo da informação. É o conjunto de meios de expressão de uma língua. Podem ser sonoros ou visuais conforme o código utilizado.

A comunicação sonora utiliza os fonemas (ex: /Kanaġa/) aos quais se podem juntar os prosodemas (Ex: /Kānāġa/)

O suporte da comunicação visual é o conjunto de Grafemas (ex: Pinheiros / V / pinheiros), ao qual se podem juntar mímicas (os gestos que acompanham a fala).



5. ESTRUTURA E FUNÇÃO DO SIGNO LINGUÍSTICO

(Níveis do Signo)

Do ponto de vista formal, a cada signo corresponde uma estrutura interna (forma) e um funcionamento externo (função) que podem ser analisados em diversos níveis:

SIGNO	Estrutura Interna (Unidade formal)	Funcionamento externo (unidade funcional)	V A L O R
MORFEMA	(Fonema)	Morfema (Lex, Gr)	Unidade mínima de significação
PALAVRA /LEXIA	Palavra (Lex ← Gr)	Lexia (Base, Adjunto)	Unidade mínima con- truída/Unidade d comportamento.
SINTAGMA	Sintagma 1 (Base ← Adjunto)	Sintagma 2 (funcema) (Nominal, Verbal)	Unidade de função
NÚCLEO/ ENUNCIADO	Núcleo (Suporte ← Aporte)	Enunciado (Base, Predicado)	Unidade de Comunicação

(-----) Relação de Composição: (Composto/formantes)

(-.-.-.-) Relação de Funcionamento: (elemento/classe)

Unidade Formal: Signo definido por sua composição pelos elementos do nível de complexidade inferior. É composta de elementos livres.

Ex: Palavra = {lexema + Gramema} - Livro + o + Ø + s

Sintagma¹ = {substantivo + Adjetivo} - Livro + bonito

Núcleo = {sintagma Nominal + Sintagma Verbal} - sol + ilumina + terra

Unidade Funcional: Signo definido por sua função de classe de equivalência, na qual entram signos naturais, e outras sequências às quais por transferência (Tr) é dada função equivalente àqueles.

Ex: Lexia: /mesa/ = signo natural

/pê-de-cabra/ = signo transferido

-Sintagma² = - Uma árvore frutífera

- (quero) que você estude bastante (tr)

-Enunciado= - Paulo plantou uma árvore frutífera

- Cada macaco no seu galho" (Tr)

ESTRUTURAS DAS CATEGORIAS

1. CATEGORIAS FORMAIS

1.1. Existem duas categorias formais de morfemas (categoremas):

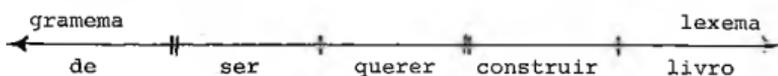
- a) Lexemas (L)
- b) Gramemas (G)

Em princípio, os lexemas são os elementos de um conjunto - não finito e aberto; e os gramemas são elementos de um conjunto finito e fechado.

1.2. Os lexemas têm significado externo, referente ao mundo bio-psico-sócio-ântropo-cultural do falante.

Os gramemas têm significado interno, relacionado do universo linguístico.

No entanto os vocábulos da língua portuguesa não apresentam uma distinção absoluta entre todos os lexemas e gramemas. Poderíamos, situar tal distinção sobre uma linha contínua, onde ficaria patente a existência de elementos em posição mais ou menos intermediária:



2. OS MORFEMAS

2.1. Analisando as unidades formais da língua portuguesa, podemos distinguir, segundo Mattoso Câmara, três espécies:

- 1 - Formas livres
- 2 - Formas presas
- 3 - Formas dependentes

2.2. Caracterização das formas:

- 1 - Formas livres: quando constituem uma sequência que pode funcionar isoladamente como comunicação suficiente.

Ex.: "Cheguei".

Este tipo de forma engloba todos os lexemas.

- 2 - Formas presas: quando somente funcionam ligadas a outras: os afixos.

Ex.: pro em proscrever; ante em antevição; -eiro em sapateiro ...

- 3 - Formas dependentes: são vocábulos formais mas não são plenamente livres, por não poderem funcionar isoladamente com comunicação suficiente. Também não são formas presas, pois se pode intercalar, entre elas e o subordinado, outras formas:

Ex.: a torre /v/ a majestosa mas muito dispendiosa torre.

Incluem-se aqui as partículas proclíticas átonas como o artigo, as preposições, a partícula que e outras, além dos substitutos pronominais átonos, junto ao verbo com o qual podem se ligar por próclise ou ênclise.

O Vocábulo formal é a unidade a que se chega, quando não é possível subdividi-lo em duas ou mais formas livres.

3. TIPOS DE LEXIAS

Os tipos de lexias possíveis em português são:

{G} e {L, G}

- 3.1. {G}: Compõe-se apenas de morfemas gramaticais e corresponde às categorias: Determinante (DT), Relacionante (RL), Indicador (IN), Quantificador (QT), Substituto (ST).
Ex.: o, de, aqui, muito, ele.
- 3.2. {L, G}: Compõe-se de um ou mais morfemas lexicais, acompanhado de morfemas gramaticais. Corresponde às categorias: Substantivo (Sb), Adjetivo I (Adj I), Adjetivo II (Adj II), Verbo (Vb).
Ex.: casa, novo, ler.

4. CLASSES LEXICAIS

Classes lexicais são as que são constituídas por lexema e afixos: {L, G}. Distribuem-se em quatro classes: substantivo, verbo, adjetivo I e adjetivo II.

- 4.1. Substantivo: Caracteriza-se por marcas de determinação (artigo), número e sexo.
Ex.: as menin-a-s
- 4.2. Verbo: Caracteriza-se por marcas de modo, tempo, número e pessoa.
Ex.: part-í-a-mos
- 4.3. Adjetivo I: Caracteriza-se pela concordância em gênero e número com o substantivo a que se refere.
Ex.: meninas bonit-a-s.
- 4.4. Adjetivo II: Caracteriza-se pela marca de incidência -mente, ou pela ausência de marca.
Ex.: alegremente; bem depressa.

5. CONTEÚDO SEMÂNTICO DAS CLASSES

Sob o aspecto semântico:

5.1. O Substantivo corresponde a uma visão independente, autônoma.

Ex.: casa, cachorro, livro...

5.2. O Verbo corresponde a uma visão dependente, externa.

Ex.: - o cachorro dorme.
- o cachorro ataca o gato.

5.3. O Adjetivo corresponde a uma visão dependente interna.

Ex.: gato preto; casa nova.

6. CLASSES GRAMATICAIS

As classes gramaticais ou gramemas são constituídas de morfemas gramaticais, divididos em:

6.1. Partículas de incidência simples:

6.1.1. Determinantes (DT), ligados à formulação modal:

- a) Artigo: o, um;
- b) Substitutos que implicam determinação: as formas demonstrativas (este, esse, aquele) e as possessivas (meu, teu, seu).

6.1.2. Quantificadores (QT), ligados à formulação quantitativa; aplicam-se:

- a) Ao grupo substantivo: (três livros, muitos animais)

- b) Ao grupo adjetivo: (Muito alegre, bastante preocupado)
- c) Ao grupo verbal: (Correu muito)
- d) Ao próprio quantificador: (Muito pouco satisfeito)

6.2. Partículas de dupla incidência

Relacionantes (RL) que se subdividem em:

- a) Coordenantes: e, (nem), mas, porém, entretanto, também, etc. (conjunções coordenativas da Gramática Tradicional).
- b) Subordinantes (de sintagma e de enunciado): correspondem às classes de:
- 1 - Relação: a, até, de, com, por causa de, que, para, etc. (preposições e conjunções subordinativas da Gramática Tradicional).
 - 2 - Formulação modal: que e se (conjunções integrantes da Gramática Tradicional).
Ex.: Quero saber se você estudou.
Sei que você se esforçou.
 - 3 - Formulação quantitativa: e, ou, mais (relação quantitativa em todos os níveis de signo); mais que, me nos que (relação comparativa).

6.3. Substitutos (ST): São, por natureza, fora de classe, pois podem substituir elementos de diferentes naturezas, em diversas condições, assumindo o estatuto da sequência que substituem.

6.4. Auxiliares (Ax): O caso dos auxiliares tem características especiais. Sendo lexema exerce a função de gramema, mas a classe conserva os afixos de lexema, conjugando-se como o verbo. Poderíamos talvez dizer que se trata de uma forma híbrida de lexema/gramema sem um estatuto absoluto de posição dentro de um dos gêneros de morfemas.

Em Português os auxiliares podem exercer funções correspondentes a:

- a) Classe de relação (AxP): nos casos de predicação (SN' e GA_{Adj}: ser, estar, parecer, continuar, etc. (Correspondem aos Vb de ligação da Gramática Tradicional).
- b) Classe de formulação modal:
- Numa estrutura com auxiliar de modalidade (AxM): querer, fazer, saber...
 - Numa estrutura com auxiliar de desenvolvimento (AxD): começar a...

7. CRITÉRIOS PARA CLASSIFICAÇÃO DAS UNIDADES FORMAIS

Podemos distinguir três (3) critérios para classificar as unidades formais da língua portuguesa: o semântico, o morfológico e o funcional.

- a) O critério semântico relaciona-se ao que o vocábulo significa, de maneira geral, do ponto de vista do universo bio-social ou antropocultural que se incorpora à língua;
- b) O critério morfológico, de natureza formal, relaciona-se às propriedades de forma gramatical que podem apresentar;
- c) O critério funcional relaciona-se à função ou papel que o vocábulo pode exercer no enunciado.

Podemos dizer que tais critérios, que podemos designar como morfo-sêmio-táxicos, são a base de toda a classificação.

ESTRUTURA LINEAR DAS CLASSES

1. ELEMENTOS LIGADOS

Todas as classes lexicais são formadas, obrigatoriamente, pelo menos por uma unidade lexical e outra gramatical, podendo esta última ser \emptyset . Conforme a classe, podemos distinguir elementos obrigatórios e elementos livres.

- 1.1. Ao conjugar um verbo em português, devemos obrigatoriamente escolher o modo, o tempo, a pessoa e o número. É uma exigência tipológica. Por outro lado, somos livres para exprimir ou não, v.g., a modalidade (AxM), ou o desenvolvimento (AxD).
- 1.2. No emprego do substantivo ou do adjetivo, é obrigatório exprimir o número e o gênero.
- 1.3. Os elementos livres e obrigatórios analisados acima, correspondem a exigências tipológicas de nosso sistema linguístico.

A palavra é definida, em cada língua, pelo conjunto sequencial de combinações de lexemas e/ou de gramemas ligados.

2. CLASSE EM {L,G.}

- 2.1. Substantivo: o substantivo, em português, tem a seguinte estrutura: {L, G¹}

$$G^1 = \{ +QT \quad \overset{\pm}{QL} \}$$

Sendo: +QT: (quantificador): o número

$\overset{\pm}{QL}$: (qualitativo) : sexo e gênero

Em português o QL (sexo ou gênero do substantivo), são sem pre expressos, mas não necessariamente no lexema (Lex). Po de ser expresso pelo determinante (DT).

Ex.:

o artista, a artista.

Estrutura linear básica:

	Lex		QL	QT
z^1	z^2	z^3	z^4	z^5

São livres as zonas 1 e 3, podendo ser preenchidas por afixos.

Ex.:

-re	program-	a-çõe-		-s
prefix.	lex.	sufix.		QT

2.2. Verbo: o verbo em português tem a seguinte estrutura:

{ L, G^2 }

$G^2 = \{ + F + QT \}$

Sendo:

+ F - Formulação modal e locativo (modo, tempo, pessoa)

+ QT- Número da pessoa (singular/plural)

Estrutura linear básica:

	lex		F	QT
z^1	z^2	z^3	z^4	z^5

De modo idêntico ao Sb, as z^1 e z^3 são livres e preenchíveis por afixos.

Ex.:

des-	-Lig-		-are-	-mos
Prefix.	Lex.	Sufix.	F	QT

2.3. Adjetivo I: o adjetivo I, de incidência nominal, em português, tem a seguinte fórmula: {L, G³}

$$G^3 = (+ QT \pm QL)(\text{concordância})$$

Sendo:

\pm QL - concordância em sexo ou gênero

+ QT - concordância em número.

Estrutura linear básica:

	Lex		QL	QT
Z ¹	Z ²	Z ³	Z ⁴	Z ⁵

As Z¹ e Z³ são idênticas no adjetivo e no substantivo.

Ex.:

arqui-	-milion-	-ári-	-a-	-s
Prefix.	Lex.	Sufix.	QL	QT

2.4. Adjetivo II: O adjetivo II, de incidência verbal, correspondente em português, ao advérbio da Gramática Tradicional, tem estrutura idêntica ao Adjetivo I, com ausência de QT, podendo a Z⁴ - (QT), ser preenchida pelo sufixo -mente, ou inexistir:

Ex.:

modesta-mente

des-merecida-mente

depressa

3. CATEGORIAS EM {G}

Os morfemas gramaticais livres são constituídos por um ou -
mais gramemas:

3.1. Determinante (DT)

Artigo: OS = {g + g¹ + g²} = Determinante, gênero/sexo, n^o
mero.

3.2. Quantificador (QT)

Cinco = {g}
Muitos = {g, g, g}

3.3. Relacionante (RL)

Para = {g}
De = {g}

3.4. Substituto (ST):

N^{os} = {g, g, g, g} (Amálgama de caso, sexo, número e pes-
soa).

Agorinha = {g, g}

Hoje = {g}

El-e = {g, g, g, g} (Amálgama de caso, sexo, n^o
mero e pessoa).

3.5. Indicador (IN):

Ainda = {g}

4. QUADRO DE ESTRUTURAS LINEARES DAS CLASSES LEXICAIS

Z1		Z2	Z3		Z4		Z5
Prefixo		Lexema	Sufixo		Gêner ro	Mod/Tem /Pes	Nº:g ¹ g ²
QT	QL		QL	QT	QL	F	QT
re	-	destribu-	-i-çõe-	-	∅	-	-s
re	-	planej-	-a-mento				
-	-	livro	-	-	∅	-	-s
-	-	livr-	-eir-	-	-o-	-	-s
arqui-	-	-milion-	-ari-	-	-a-	-	-s
i-	-	-regul-	-ar-		∅		∅
super-	-	produz-	-	-	∅	-ire-	-mos
-	em-	barc-	-	-	-	-are-	-mos
re-	-	prim-	-	-	-	-ir	
-	-	am-	-	-	-	-o	(-o)
-	des-	govern-	-	-	-	-ar	∅
-	des-	nacion-	-al-iza-vel	-	∅	-	∅
-	-	invej-	-a-vel	-	∅	-	∅
-	-	espert-	-	-íssim-	-o-	-	-s
-	-	gentil-	-mente	-	-		
im-	-pre-	-vis-	-ivel-mente				
-	-	depressa					

CLASSE : FORMA DO SIGNIFICADO

1. DIVERSIDADE FORMAL

1.1. A mesma substância semântica de um sintagma pode ser mantida sob diferentes formas.

A escolha da forma é feita em função do efeito expressivo que se pretende provocar.

Ex.:

- você ficou rico /v/ você enriqueceu
- a bandeira do Brasil /v/ a bandeira brasileira
- decidiu pela anulação da prova /v/ decidiu anular a prova

Temos pois as seguintes distinções:

- Adj → Vb : ficar rico /v/ enriquecer
- Sb → Adj : do Brasil /v/ brasileiro
- Sb → Vb : anulação /v/ anular

1.2. Tais formas costumam se distinguir, fundamentalmente, por dois traços:

- Visão independente semântica
- Visão dependente semântica

a) Substantivo (Sb) - visão de autonomia;

Ex.:

lâpis, casa, livro

O Sb pode ter visão de dependência semântica somente em função de SN'.

Ex.:

Pedro é um aluno aplicado.

b) Adjetivo (Adj) - Visão de dependência interna:

Ex.:

O gato branco

c) Verbo (Vb) - Visão de dependência externa:

Ex.:

A criança dorme.

2. SUBSTÂNCIA SEMÂNTICA E CLASSE

2.1. O Sb possui sua própria autonomia de significado: /cadeira/ se diz de "cadeira"; livro de "livro".

O mesmo não acontece com (estar) calmo, (Adj) que se diz de outra coisa que lhe serve de suporte.

Com os verbos se dá o mesmo caso.

Ex.:

João lê.

Ficam assim identificadas duas funções básicas na interdependência dos elementos componentes do enunciado:

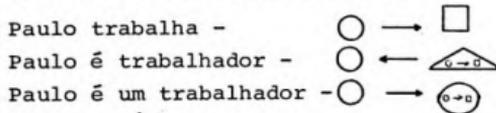


O adjetivo e o verbo concordam com o substantivo que lhe - serve suporte.

Ex.:

As pequenas árvores crescem

2.2. Podemos ainda verificar as diferenças trazidas pela forma do significado nos seguintes exemplos:



2.3. Dentro da mesma substância semântica, a língua operou muitas transferências de categoria:

Sb → Adj : verdade / verdadeiro
 Vb → Sb : construir / construção
 Adj → Vb : humano / humanizar

2.4. O adjetivo (Adj) está próximo do substantivo (Sb), dele se distinguindo pela dependência.

O adjetivo está igualmente próximo do verbo a ponto de não se distinguirem na relação profunda.

TRANSFERÊNCIA DE CLASSE

1. CLASSES PRIMITIVAS E DERIVADAS

- 1.1. As classes lexicais, os lexemas, em português, quanto à estrutura interna, podem ser caracterizados como primitivos ou derivados.

Chamamos primitivas as palavras formadas pelo radical acrescido dos gramemas desinenciais específicos da classe. As palavras que juntam ao radical, além das desinências, outros afixos capazes de produzir outra forma, são as derivadas.

Através de sufixos podemos transferir de classe um lexema.

- 1.2. Na palavra derivada, o afixo pode mudar fundamental ou parcialmente a significação da primitiva. É mais comum a mudança fundamental da significação provocada pelo prefixo:

Ex: incompreensível, desencanto... X compreensível, encanto...

Para o âmbito de que nos preocupamos aqui, no entanto só nos interessam os morfemas sufixais que transferem o vocábulo de classe.

Ex: traduzir + tradução, → traduzível.

- 1.3. Há ainda os verbos derivados de um nome por parassíntese, mediante o emprego de flexão verbal e a adjunção de um dos prefixos sem significação própria: a ou em.

Ex: claro + aclarar; bandeira + embandeirar. Neste caso pode haver ainda a adjunção de um sufixo de valor iterativo ou incoativo.

Ex: manhã + amanhecer; tarde + entardecer; noite + anoitecer.

Pela derivação podemos, pois, transferir um vocábulo de categoria: Ex: Substantivo → adjetivo: forma + formoso; verbo + substantivo: julgar + juízo; subs-

tantivo de objeto → substantivo de agente: livro → livreiro.

- 1.4. A língua portuguesa permite ainda as transposições de classe derivados por sufixo zero, em que um vocábulo muda de classe sem mudança de forma (sem sufixo) mas simplesmente em decorrência de nova função que exerce na construção frasal. Ex: adjetivo I → adjetivo II: livro caro /V/ vender caro; substantivo → adjetivo: o relâmpago /V/ guerra relâmpago. Este fato ocorre em todos os fatos de substantivação: jardim belo /V/ o belo horriível; o estudar, o correr, o escrever.

2. O SIGNIFICADO IMEDIATO E O SUBJACENTE DAS CLASSES

Classes lexicais primárias: (1)

Substantivo (Sb)



Adjetivo (Adj)



Verbo (Vb)



As classes secundárias ou derivadas têm a forma externa resultativa, conservando, no entanto, subjacente a sua forma de origem.

Ex:

dinamite



dinamitar



(semanticamente: fazer explodir algo com dinamite.)

pobre



probraza



(semanticamente: o fato de alguém ser pobre)

pobre



empobrecer



(semanticamente: o fato de alguém se tornar pobre)

(1) - As figuras ilustrativas e esquemas básicos são inspiradas nos modelos propostos por Pottier in "Linguistique Generale".

3. Transferência de classe por Integração

3.1. Os quadros que seguem ilustram, figurativamente, como o sentido primitivo de uma palavra permanece subjacente - na forma ou formas derivadas. Muitas vezes, no entanto, em diacronia, perde-se integralmente, em termos de linguagem referencial, o sentido primário do radical.

Ex: infezar-se.

Integração \ Categorias	Sb	Adj	Vb
Sb	Sol	Solar	Ersolarar
Adj	Magreza	Magro	Emagrecer
Vb	Tradução	Traduzível	Traduzir

E ainda:

Claro \triangle , Clareza \triangle , Clarear \triangle
 Centro \circ , Central \triangle , Centrar \square
 Grande \triangle , Grandeza \triangle , Engrandecer \triangle
 Transitar \square , Trânsito \circ , Transitável \triangle

3.2. As combinações são teoricamente livres e repetíveis:

TERMO PRIMITIVO OU PRIMÁRIO	TERMOS DERIVADOS OU SECUNDÁRIOS		
RICO △	RIQUEZA △	ENRIQUECER △	ENRIQUECIMENTO △
NAÇÃO ○	NACIONAL △	NACIONALIZAR △	NACIONALIZAÇÃO △
TRADUZIR □	TRADUZÍVEL △	TRADUÇÃO □	TRADUZIBILIDADE △

Outros exemplos:

Escola ○ , Escolar △ , Escolarizar △ , Escolarização △
 Pobre △ , pobreza △ , empobrecer △ , empobrecimento △
 Belo △ , beleza △ , embelezar △ , embelezamento △
 Aferir □ , aferível △ , aferição □
 Produzir □ , produzível △ , produção □

4. Seguindo modelo idêntico podemos introduzir a semântica no sistema sintático:

Tradutor (○ → □ - ○) Tradução (○ → □ - ○)

Tradutor e tradução são substantivos derivados do verbo traduzir, envolvendo a dinâmica de processo verbal.

5. O Adjetivo e o substantivo têm grande afinidade de emprego no enunciado, podendo alguns termos exercer as duas funções:

Dupla Função	
Sb/Adj	trabalhador: ele é trabalhador é um trabalhador estudante: ele é estudante é um estudante
Adj/Sb	bobo : ele é bobo o bobo da corte amiga: pessoa antiga um amigo

6. Por derivação também podemos adjetivar substantivos:

Sb	Adj
Quichote	quichotesco
Senso	sensato

7. Nomes Dinâmicos e Não-dinâmicos e Transferência de Classe.

O verbo é a única classe de vocábulos da língua portuguesa cuja significação é essencialmente dinâmica: designa processos, quer se trate de ações, estados ou mudança de estado.

No entanto, a forma verbal, (dinâmica) pode ser proveniente, por sufixação, de um nome não-dinâmico.

Ex: pobre → empobrecer; chave → chavar; folha → folhear.

Por outro lado, pelo mesmo processo, verificamos a existência de outras classes de palavras, que, sem serem verbos, designam, subjacentemente, um processo dinâmico. São palavras derivadas de verbos por sufixação: Ex: traduzir → tradução; embelezar → embelezamento; construir → construção; engrandecer → engrandecimento.

- 1.3. Através dos dois eixos actanciais, a língua desenvolve estruturas capazes de evitar enunciados justapostos, - não são por economia, mas ainda para uma comunicação mais eficaz, exprimindo a inter-relação entre eles, através dos relacionantes casuais. Com excepção dos casos Nom e ERG (sujeito) e AC (objeto direto), todos os outros casos precisam do relacionamento explícito.

2. ACTÂNCIA PRIMÁRIA E ACTÂNCIA SECUNDÁRIA

- 2.1 actância primária é a que organiza as relações casuais fundamentais (núcleo do enunciado):

Nominativo / Ergativo, Acusativo.

Ex: o atributivo limitado aos elementos fundamentais:
a chuva é benéfica.

ou o ativo limitado ao módulo simples: a chuva fe
cunda o solo.

O módulo pode ser constituído de muitos elementos.

Ex: o módulo de dar é: dar algo a alguém.

Fora de situação não poderei dizer: "dei um livro...", mas "dei um livro a x". É necessário o actante benefi
ciário (secundário).

O Nominativo é um caso conceitual da base, numa rela
ção atributiva. É indiferente à potencialidade do ac
tante.

O Ergativo é também um caso conceitual da base mas nu
ma relação ativa. O actante é dotado de potencialidade. Está em confronto com o Acusativo, em termos de poten
cialidade. O acusativo é o caso conceitual do paciente no predicado, numa relação ativa. É não potente ou do
tado de potencialidade inferior à base.

A distinção entre o caso Ergativo e o Nominativo é as
sinalada pela marca de potencialidade ativa em oposi
ção à não potencialidade ou indiferença de potenciali
dade da base em determinado enunciado. No primeiro ca
so o sujeito é dinâmico, no segundo é não-dinâmico, em

relação ao predicado.

- 2.2. ACTÂNCIA SECUNDÁRIA é a que organiza as relações casuais não fundamentais: causal, instrumental, agentivo, dativo, beneficiário, final.

Podemos notar as diferenças de concepção ao integrarmos os enunciados justapostos.

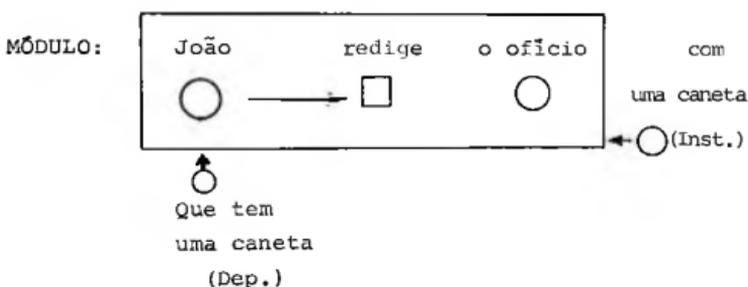
Ex: João tem uma caneta. João redige o ofício.

Realizando uma relação lógica causal, teremos um enunciado em dependência:

Ex: João que tem uma caneta, redige o ofício.

Integrando os dois enunciados com a actância secundária (Instrumental, neste caso), teremos um efeito mais intenso:

João redige o ofício com uma caneta.



Como instrumental, a caneta participa do acontecimento actante secundário. Como dependente a relação torna-se vaga. Ex: João pode ter uma caneta no bolso e escrever, V.g., com lápis.

3. SISTEMA CASUAL

3.1 OS CASOS

O CASO situa-se na classe conceitual de relação, situada sobre o eixo de actância principal ou sobre o eixo de actância dependente. Aplica-se a todos os actantes de uma estrutura subjacente de entendimento.

Em português, o caso é caracterizado de duas formas:

a) pela ordem lógica e b) pelo emprego de relacionante.
Os CASOS podem ser repartidos em três zonas:

I - Zona Central: actância primária

II - Zona de actância secundária

III- Zona de actância dependente

3.2.1 O caso conceitual é de ordem lógica. É a única forma casual da língua portuguesa.

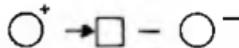
O caso linguístico é a solução morfológica, através de flexões desinenciais, tomada por uma língua natural (v.g. Latim, Grego) para a manifestação do caso conceitual:

a) O NOMINATIVO (Nom) é o caso conceitual da base, na voz atributiva:



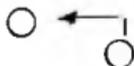
Carlos é bom aluno

b) O ACUSATIVO (Ac) é o caso conceitual do paciente, no comportamento de relação ativa. Contrapõe-se ao Ergativo, caso da base, também na relação ativa, que é potente. AC. e ERG. exigem diferença de potencialidade.



João leu o livro

c) O LOCATIVO (Loc) é o caso de actância dependente.



Paulo está na biblioteca

3.2.2. MÓDULO CASUAL

No enunciado: "Pedro comprou um livro na terça-feira", há um liame semântico unindo comprar e um livro (comprar exige elemento complementar); no entanto, na terça-feira é um elemento desligado e facultativo. O conjunto de elementos ligados e necessários semânticamente, forma o módulo casual.

EXEMPLOS DE MÓDULOS CASUAIS DO PREDICADO

CASO			MODELO	ESQUEMA
Act Prim	Act Sec	Act Dep.		
Ac	-	-	escrever algo	□ - ○
Ac	+Dat		dar algo a alguém	□ - ○ - ○
Ac	+Fin		obrigar alguém a fazer algo	□ - ○ - ○
-	-	Loc	ficar em casa	□ ← ○
Ac	-	+Loc	tirar algo de algum lugar	□ - ○
-	Dat	+Loc	falar de algo a alguém	□ - ○ - ○
-	Dat.e caus.	-	agradecer a alguém por algo	□ ← ○

4. CASO CONCEITUAL E OS ACTANTES

O caso conceitual recobre as formas lógicas dos actantes. Podemos distinguir onze casos em português, divididos em três zonas distintas:

- 1 - Actância Primária: Nominativo, Ergativo e Acusativo.
- 2 - Actância Secundária: a) Causativo; Instrumental, Agentivo. b) Dativo, Beneficiário, Final.
- 3 - Actância Dependente: Locativo e Sociativo.

Z II a	Z I	Z II b
INST+	NCM	DAT
CAUS+	ERG+ AC	FIN
AG+	LOC SOC	BEN
	Z III	

4.1. ZONA I (Actância Primária) : Nom, Erg, Ac.

- a) Na relação ativa há uma oposição entre o termo da BASE (B) que age, e é potente, chamado Ergativo (Erg), e o termo do Predicado (PR), que é elemento não potente, chamado caso acusativo (AC). Há, portanto, pelo menos dois actantes, podendo um, ou eventualmente ambos ser zero (\emptyset)
- b) Na relação atributiva, não há geralmente, distinção de casos.

A Base e o Predicado estão no caso Nominativo (Nom):
(Nom - Nom)

Exemplo:

$\bigcirc^+ \rightarrow \square - \bigcirc^-$	João escreveu uma carta
	ou
Erg - Ac	O Coríntians derrotou o São Paulo
$\bigcirc^{\sim} \leftarrow \bigcirc^{\sim}$	Paulo é meu irmão
$\bigcirc^{\sim} \leftarrow \triangle^{\sim}$	O livro é útil
Nom Nom	
$\bigcirc \rightarrow \square$	O marginal fugiu (suj.ativo/potente)
Erg	

A relação ativa supõe um elemento potente e um não-potente:

"Pedro lê o livro". (Erg+ Ac⁻).

Se em posição de Ac se encontra um elemento naturalmente potente, a diferença de potencial é restabelecida pela marca do relacionamento "a" para o Acusativo, quando o contexto não resolve a sua ambiguidade:

Ana respeita a seu marido
João saudou Ana / \surd / A João saudou Ana
O Anjo saudou a Maria

4.2. ZONA II (Actância secundária)

Os elementos de actância secundária situam-se antes ou depois de determinado ponto de vista cronológico. Devido a esta dualidade subdividimos a ZONA II em a) e b).

a) ZONA II-a: Caus, Inst, Ag:

Ag - por seu irmão foi esclarecido

Caus - porque transgrediste, foste multado

Inst - com os olhos me seguiste

b) ZONA II-b: Dat, Ben, Fin:

dar algo a alguém - Dat

pedir algo para alguém - Ben

isto é para te agradar - Fin

Temos, em parte, os três casos representados no seguinte enunciado:

"Paulo/dá um presente/ao João/para Maria/ para ela ficar satisfeita"

Erg Ac Dat Ben Fin

4.3. ZONA III e Actância dependente): Loc

A dependência distribui-se nas três Zonas de experiências seguintes:

- Referência ao Espaço E

- Referência ao Tempo T

- Referência ao domínio Nacional N
(que não é Espacial nem Temporal)

Ex: Estudo na Biblioteca E

Chego ao meio dia T

Viajo contra minha vontade N

Na entrada encontrou o amigo E

Designamos a ocorrência de determinado elemento do enunciado como locativo (Loc) precisando o domínio (E,T,N).

Pedro está na faculdade (LocE)
 Estamos na Primavera (LocT)
 O carro está em frangalhos (LocN)

Os limites entre E,T e N nem sempre são claros.

4.4. CASO MARGINAL: SOC (Sociativo)

O caso marginal adapta-se conceitualmente ao caso do elemento ao qual se associa:

João come pão com manteiga
 Erg AC Soc/AC

Pedro saiu com o João
 Erg Soc/Erg

5. POLISSEMIA DOS RELACIONANTES (RL) e dos CASOS

Um mesmo relacionante pode reger diversos casos:

- Paulo viajou com seu carro (Inst)
- Paulo viajou com seu irmão (Soc)
- Paulo viajou com seu terno marron (LocN)
- Paulo ficou feliz com o teu presente (Caus)

DISTRIBUIÇÃO DOS CASOS E ACTANTES

ZONA I				ZONA II-a			ZONA II-b			ZONA III		
Actância Primária				Actância Secundária						Actância Dependente		
NOM	ERG	(Verbo)	NOM	AC	CAUS	INST	AG	DAT	BEN	FIN	LOC	SOC
-	Ana	escreveu	-	uma carta	-	à máquina	-	-	para o filho	-	Esp. Temp. Noc.	
Pedro	-	é	uma criança									
A mesa	-	caiu										
-	O Margi nal	fugiu										
-	Paulo	ama	-	a Maria								
-	João	Construiu	-	a casa	por amor	-	-	aos filhos				
O livro	-	foi escri- to	-	-	-	-	por Paulo					
-	Ana	conquis- tou-	-	-o	-	com os olhos	-	-	-	-	aos 18 anos -LocT	
-	Luiz	comprou	-	um broche	-	-	-	-	para Joana			
-	-	fui	-	-	-	-	-	-	-	para estudar	à Escola -LocE	
-	ele	deu	-	um livro	-	-	-	ao João	para Ana	-	no escritório-LocE	
-	ele	foi	-	-	-	-	-	-	-	-	à cidade-LocE	
-	-	chegarei	-	-	-	de avião	-	-	-	-	às 15:00hs - LocT	
-	Pedro	viajou	-	-	-	-	-	-	-	-	-	com Maria
-	Pedro	passeou	-	-	-	com teu carro	-	-	-	-	-	
Paulo	-	ficou	feliz	-	com o livro							

CLASSE DE RELAÇÃO: A VOZ

I - CARACTERIZAÇÃO DAS VOZES

1. Conceitos Gerais

1.1. Numa unidade de comunicação (enunciado) distinguimos a unidade mínima de comunicação, que é o núcleo. Corresponde ao Enunciado Simples, composto estritamente pelos elementos obrigatórios da base e do predicado. Em mensagem totalmente explícita, o núcleo é formado por um sintagma Nominal (SN) e um sintagma Verbal (SV). Esta forma (SN + SV) recobre o mecanismo semântico fundamental que é a predicação : Sujeito /X/ Predicado ou, em outros termos,

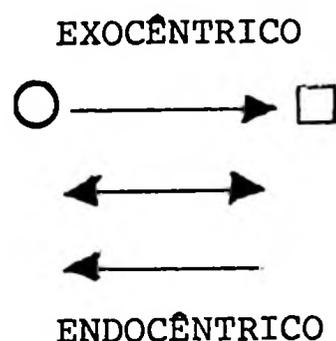
Suporte ← Aporte

A predicação consiste em colocar em relação estes dois elementos.

1.2. Neste contexto definimos a voz como o conjunto de classes de predicação que exprimem o tipo de relação entre o sujeito e o predicado.

Mórficamente, a voz designa a forma em que se apresenta o verbo para indicar a relação entre ele e seu sujeito, no enunciado.

Assim sendo, a voz, ao nível de estrutura conceitual, é o mecanismo que estabelece o tipo de relação fundamental entre a Entidade (base) e o Comportamento (predicado). Tal relação vai de uma orientação exocêntrica a uma orientação endocêntrica.



- a) A relação exocêntrica chamamos voz ativa;
- b) A relação endocêntrica chamamos voz atributiva;
- c) A solução relacional intermediária chamamos voz média.

2. As principais vozes

- 2.1. Na voz atributiva, não é estabelecida a diferença de potência entre os actantes, se há mais que um.

Na voz ativa esta diferença é marcada.

A voz verbal caracteriza-se também por uma gradação contínua, que vai do plenamente atributivo ao plenamente ativo, com situações intermediárias em diversos graus como ilustra o seguinte gráfico:

Atributiva

Ativa

Pedro é	Paulo se	O texto foi	André tem	Daniel lê
sábio	levanta	revisto	um relógio	o livro

Baseando-se em princípios diferentes, esta classificação das vozes não corresponde à que é feita pela gramática tradicional da língua portuguesa, onde é estabelecida a classificação: voz ativa, passiva e reflexiva.

- 2.2. O atributivo orienta o predicado para o sujeito.



O ativo orienta o sujeito na direção do predicado.



Tal orientação tem sentido linguístico e não semântico. É tão ativo: "Paulo recebe um presente" como "Paulo envia uma carta"; como é atributivo: "Pedro é enviado" e "Pedro é recebido".

- 2.3. Na voz ativa, o processo verbal é caracterizado como ação, ou atividade de determinado ser sujeito, de quem, na forma linguística, pelo menos, parte o processo. Na voz ativa, o fulcro dinâmico do processo está no sujeito;

O jovem viaja; João constrói a casa,
A experiência ensina; o lápis escreve.

Como se observa nos exemplos acima, não é levado em conta a distinção entre o conceito metafísico de ação e de agente, e o conceito linguístico de sujeito (base) e o verbo - na voz ativa; o sujeito linguístico, embora semânticamente se caracterize por uma atitude inerte ou passiva, na estrutura linguística ocupa a posição de fulcro dinâmico do processo verbal, caracterizando uma atitude exocêntrica, portanto, ativa:

Pedro dorme.
O moço apanhou muita chuva.

Podemos ainda caracterizar a "ação", preconizada pelo verbo, como de manifestação exterior (João constrói a casa, o gato come o rato), e de caráter intrínseco, sem manifestação exterior, enquanto ação (João reflete, o jovem estuda, Ana mente).

A ação do sujeito pode provir de força extrínseca a ele: a casa caiu. Sendo o sujeito, linguisticamente o centro da atividade preconizada pelo verbo, nós o descrevemos na voz ativa.

Sempre que o verbo indica alguma forma de ação (fazer algo) do sujeito, quer seja intrínseca ou extrínseca ao mesmo, descrevêmo-la como ativa, exocêntrica. No entanto ressaltamos que o que, linguisticamente, é exocêntrico, semânticamente é, às vezes, tipicamente endocêntrico. Nem sempre os dois domínios coincidem. É bem nítida a diferenciação linguística e semântica dos seguintes exemplos:

	Linguística	Semântica
João deu um livro	$\bigcirc \rightarrow \square - \bigcirc$	$\bigcirc \rightarrow \square - \bigcirc$
João leu o livro	$\bigcirc \rightarrow \square - \bigcirc$	$\bigcirc \rightarrow \square - \bigcirc$
João estuda (é estudante)	$\bigcirc \leftarrow \square$	$\bigcirc \leftarrow \square$
João estuda (a lição)	$\bigcirc \rightarrow \square$	$\bigcirc \leftarrow \square$
João constrói (uma casa)	$\bigcirc \rightarrow \square$	$\bigcirc \rightarrow \square$
João constrói (é construtor)	$\bigcirc \leftarrow \square$	$\bigcirc \leftarrow \square$
Pedro nada muito bem (é nada- dor) (é sua competência)	$\bigcirc \leftarrow \square$	$\bigcirc \leftarrow \square$
Pedro nadou violentamente pa- ra a praia	$\bigcirc \rightarrow \square$	$\bigcirc \rightarrow \square$
O sol brilha (está brilhando)	$\bigcirc \rightarrow \square$	$\bigcirc \leftarrow \square$
A luz ilumina (é sua função)	$\bigcirc \leftarrow \square$	$\bigcirc \leftarrow \square$
A luz ilumina a sala	$\bigcirc \rightarrow \square - \bigcirc$	$\bigcirc \rightarrow \square - \bigcirc$
Paulo vê (a árvore)	$\bigcirc \rightarrow \square$	$\bigcirc \rightarrow \square$
Paulo vê (tem bons olhos) (é sua competência)	$\bigcirc \leftarrow \square$	$\bigcirc \leftarrow \square$
Ana mente (é seu defeito)	$\bigcirc \leftarrow \square$	$\bigcirc \leftarrow \square$
Ana mente (está mentindo)	$\bigcirc \rightarrow \square$	$\bigcirc \leftarrow \square$
Pedro dorme	$\bigcirc \rightarrow \square$	$\bigcirc \leftarrow \square$
Pedro recebe uma carta	$\bigcirc \rightarrow \square - \bigcirc$	$\bigcirc \leftarrow \square - \bigcirc$
Paulo envia uma carta	$\bigcirc \rightarrow \square - \bigcirc$	$\bigcirc \rightarrow \square - \bigcirc$
A casa caiu	$\bigcirc \rightarrow \square$	$\bigcirc \leftarrow \square$
A água voou	$\bigcirc \rightarrow \square$	$\bigcirc \leftarrow \square$

- 2.4. A voz atributiva caracteriza-se pela participação não-dinâmica do sujeito linguístico. O verbo designa um processo - não dinâmico. Nesta voz não é levada em conta a diferença da potencialidade entre os actantes do sujeito e do predicado, quando há mais de um. O fulcro da expressão linguística está centrado no enunciador (extralinguístico). É essencialmente descritivo.

Pedro é alegre

$\bigcirc \leftarrow \triangle$

Pedro continua alegre

$\bigcirc \leftarrow \triangle$

Pedro é um trapaceiro

$\bigcirc \leftarrow \bigcirc$

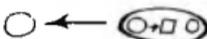
- 2.5. A Base (B) é sempre uma forma nominal.

O Predicado (PR) é uma forma verbal na voz ativa, ou um

3. Transferência de voz

- 3.1. Podemos ter a transferência da voz ativa para a atributiva com a correspondente alteração de sentido.

Se queremos apresentar determinada atividade como habitual e característica de sujeito (base), empregaremos a forma - atributiva, transformando o predicado em um complexo substantival secundário. O verbo da voz ativa transforma-se em substantivo dinâmico.

VOZ ATIVA	VOZ ATRIBUTIVA
 <p>Pedro conserta televisores</p> <p>Paulo canta modinhas</p> <p>João anima programas</p> <p>(atividade eventual, esporádica)</p>	 <p>Pedro é um consertador de <u>te</u>levisores</p> <p>Paulo é um cantador de modinhas</p> <p>João é um animador de <u>progra</u>mas</p> <p>(é sua profissão, seu hobby, ou sua especialidade).</p>

- 3.2. O comportamento pode ser conservado intacto, após a transferência, sendo atribuído globalmente à base, com um efeito adicional de sentido de atualização:

Paulo escreve uma carta / Paulo está escrevendo uma carta



ou ainda:

O pai educa o filho / O filho está sendo educado pelo pai.



II - CONTEÚDO DAS VOZES4. Voz Ativa

- 4.1. Na voz ativa podemos distinguir, ao nível de categoria, - verbos transitivos e intransitivos, tendo os primeiros - dois actantes, pelo menos (biactancial), e os segundos um só actante (monoactancial), embora não haja um limite entre eles.

$$C \rightarrow \square - C$$

Paulo lê o jornal
(biactancial)

$$C \rightarrow \square$$

O pássaro voa
(monoactancial)

- 4.2. A voz ativa com verbos transitivos supõe pelo menos dois - actantes, os quais podem se referir ao mesmo referente, ou a referentes diferentes.

$$a = b: \begin{cases} \text{reflexivo} \\ \text{recíproco} \end{cases}$$

$$a \neq b: \begin{cases} \text{transitividade fraca} \\ \text{transitividade forte} \end{cases}$$

- 1) Para mais de um actante com o mesmo referente ($a = b$) - podemos ter portanto, os casos: reflexivo e recíproco.

ATIVO: $a \neq b$	ATIVA: $a = b$
- Pedro lava seu carro	- Pedro lava-se (reflexivo)
- Paulo observa Raquel e Raquel observa Paulo	- Paulo e Raquel observam-se (recíproco)

- 2) Para mais de um actante com referentes diferentes ($a \neq b$) temos os seguintes casos:

- a) transitividade fraca
b) transitividade forte

- a) Certos verbos, fracamente transitivos, não requerem a expressão do complemento (Acusativo) no enunciado: "Pedro come sofregamente". Daí, a economia frequente em contextos generalizantes: "Proibido fumar", "Proi

bido caçar", "Permitido estacionar".

Esta distinção pode ainda caracterizar atividades específicas ou genéricas:

$\bigcirc \rightarrow \square - \emptyset$
 Pedro sabe escrever
 (genérico)

$\bigcirc \rightarrow \square - \bigcirc$
 Pedro sabe escrever cartas
 (específico)

- b) Outros verbos têm transitividade forte:
 Pedro destruiu a armadilha.

- 4.3. A voz ativa com verbos intransitivos é monoactancial. Tais verbos têm certa afinidade semântica com o atributivo descritivo:

ATIVO INTRANSITIVO	ATRIBUTIVO DESCRITIVO
Pedro dorme	Pedro está adormecido
A casa caiu	A casa está caída
O moço fugiu	O moço está foragido

- 4.4. Voz ativa com base zero

Os verbos impessoais tem base zero:

chove
 neva
 troveja
 $\emptyset \rightarrow \square$

- 4.5. A voz ativa admite situativos de espaço, tempo e noção, e o sociativo, no eixo de actância dependente:

A onda de frio aproxima-se de S. Paulo (E)
 Pedro voltou para casa (E)
 Nós saímos de casa (E)
 Estudamos melhor no inverno (T)
 Vivemos na pendura (N)
 Estudo com meu colega (SOC)

5. Voz Atributiva

5.1. Conceitos Gerais

A voz atributiva manifesta-se, num enunciado explícito, por um verbo pertencente a um inventário finito. Consideramos nesta função somente os verbos auxiliares de predicação - (A x P): ser, estar, parecer, continuar...), além dos possessivos: ter, haver, possuir... A voz atributiva, como relação de orientação endocêntrica, realiza-se em diversos graus de atribuição, de um nível mais forte a um nível mais fraco, como vimos atrás.

- A voz atributiva pode ser realizada com um só actante, ou dois actantes.
- Com um actante temos, em função atributiva, o Equitativo e Descritivo.
- Com dois actantes temos, em função atributiva, o Situativo e o Possessivo.

5.2. Voz Atributiva com um actante:

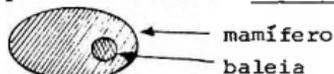
5.2.1. Equitativo (EQ): O conteúdo da base é retomado no predicado, com extensão variável. Trata-se, de um tipo de voz atributiva na qual o predicado é um complexo nominal, no nominativo conceitual:



Os dois termos podem ser equivalentes:

Paulo é filho de Pedro
O filho de Pedro é Paulo

A relação pode ainda ser de inclusão:



A baleia é um mamífero
O cão é um carnívoro
O chofer é o responsável
Paulo é um artista

Enquadram-se ainda no equitativo estruturas do tipo:

- Isto é um livro
- Este quadro representa o descobrimento do Brasil
- Estes são os doze profetas.

5.2.2. Descritivo (DESC): é um tipo de voz atributiva no qual o predicado é um complexo adjetival:



- A situação está preta.
- O chofer está preocupado.
- Pedro é folgazão.
- Paulo é artista.

No descritivo podemos empregar ser ou estar seguidos de participípio ou de adjetivo. Conforme o verbo escolhido - (ser ou estar) caracterizamos diferentemente a atribuição, como podemos verificar no seguinte quadro:

S E R	E S T A R
<ul style="list-style-type: none"> - qualificação inerente, absoluta e independente - caracterização forte 	<ul style="list-style-type: none"> - qualificação relativa, <u>de</u>pendente, externa - caracterização fraca
<ul style="list-style-type: none"> - Pedro é alegre (é inerente ao seu <u>carã</u>ter) - Ele é rico (possui muitos bens) - A sala é abafada (janelas pequenas e não tem ventilação) 	<ul style="list-style-type: none"> - Pedro está alegre (eventualmente) - Ele está rico (situação não permanente) - A sala está abafada (as janelas estão fechadas podendo ser abertas)

A oposição entre ser e estar situa-se, basicamente, na visão da independência ou de dependência de um elemento exterior.

5.2.3. Se acrescentarmos o actante agente (agentivo) à estrutura do atributivo descritivo teremos o "passivo", (biac - tancial). A "passiva" pode ser considerada uma variante combinatória no interior da voz ativa.

O jovem foi agredido (pelo marginal).

$$[O \leftarrow \Lambda] \leftarrow O'$$

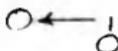
5.3. Voz Atributiva com dois actantes:

5.3.1. Situativo (SIT): tipo de voz atributiva, com dois actantes, no qual o predicado é um complexo nominal relacionado ao domínio espacial (E), temporal (T) ou Nocial (N).

Pedro está em casa (E).

Estamos na primavera (T).

Ele está em má situação (N).



O predicado, no situativo, está no eixo de dependência, - introduzido por um relacionante do caso locativo. Analisamos, em separado, os três domínios: E, T, N:

a) Situativo Espacial:

O atributivo situativo espacial com a marca de atribuição ser emprega-se quando a base é considerada com valor não-material; com a marca estar quando a base é considerada como material:

- O congresso é em São Paulo
(as sessões se realizam em)
- O congresso está no Rio
(lá se encontram os congressistas visitando a cidade)

b) Situativo Temporal: (T) é uma estrutura de caracterização muito simples como se pode observar nestes exemplos:

Estamos em outubro
Estamos na primavera
Nossa aula é às 19 horas.

c) Situativo Nocial (N):

Quando o situativo assume uma integração mais forte, aproxima-se do descritivo:

Ela está na miséria (SIT-N)
Ela é miserável (DESC)

O situativo, além do relacionante (RL) do caso locativo (em) emprega também outros casos como o beneficiário ou o final.

Este livro é para ti.

Este lápis é para escrever.

A forma "esta casa é de Pedro" pertence também ao Situativo Ncional, que se aproxima também do descritivo em "esta casa é minha".

5.3.2. O Possessivo (POS): Tipo de voz atributiva, com dois actantes, na qual o predicado se apresenta como semanticamente dependente da base. Os dois actantes colocados em relação endocêntrica, sem diferença de potência.

Dentro do atributivo possessivo podemos distinguir:

a) Pertença intrínseca : Tenho sete irmãos.

b) Pertença por dependência : Tenho um resfriado.

c) Pertença por aquisição : Tenho um automóvel.

a) Pertença Intrínseca: tudo o que pertence por natureza e obrigatoriamente à integridade de algo ou alguém: - partes de corpo, parentela, propriedades intrínsecas:

Ele tem pai e mãe.

Ele tem grandes braços.

Os elementos de pertença intrínseca à base, obrigatória, por natureza, não lhe podem ser atribuídos. É totalmente descabido dizer: "Pedro tem olhos", a não ser que lhe acrescentemos alguma característica própria, pois Pedro, enquanto homem, naturalmente precisa ter olhos. No entanto é pertinente dizer: "Pedro - tem olhos azuis".

No caso de medidas podemos empregar substitutos lexicais:

Este muro tem dois metros de altura.

Este muro mede dois metros de altura.

Assim:

Medir → ser / ter + dimensão

Custar → ser / ter + preço

Pesar → ser / ter + peso

b) Pertença por dependência: como a pertença intrínseca, a pertença por dependência não pode ser atribuída:

- Tenho um resfriado.
- Tenho muitos aborrecimentos.

Mas não posso dizer:

- "Este resfriado é meu".

c) Pertença por aquisição:

"Pedro tem um caminhão".

Posso igualmente dizer:

"Este caminhão é de Pedro".

O atributivo possessivo está próximo da voz ativa.

5.4. Atributivo com base e

O equitativo, e o situativo podem ser expressos por uma base se zero (vazia).

EQ : é um gato

⊘ ← ○

SIT: são 13 horas

⊘ ← |
○

é inverno

⊘ ← ○

ESTRUTURAÇÃO INTERNA DAS FORMAS DO SIGNIFICADO

1. NÍVEL HIERÁRQUICO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS

1.1. Os elementos componentes de uma estrutura linguística (EN) podem ser analisados em diversos níveis de complexidade:

	a	b	c
Sintagma	SN	SV	(SC)
Grupo	GSb	GVb	GAdj
Categoria	Sb	Vb	Adj

A cada sintagma (SN, SV) correspondem outros elementos em outros níveis: grupo, categoria.

Exemplificação:

	a	b	c
Sintagma	Um jovem muito robusto	queria ter podi _{do} viajar	ontem
Grupo	Um jovem	poder viajar	muito robusto
Categoria	jovem	viajar	robusto

2. SINTAGMA NOMINAL - SN

2.1. O SN compõe-se de um grupo substantivo (GSb), obrigatório, e de um ou mais grupos adjetivos (GAdj) facultativos:

$$\text{SN} = +\text{GSb} \text{ } ^{\dagger}\text{GAdj}$$

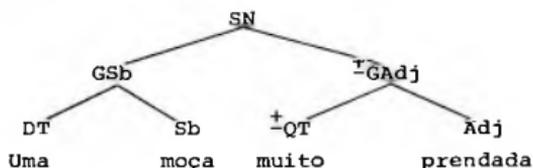
Uma pessoa muito prendada

(GSb) (GAdj)

Uma residência colonial

(GSb) (GAdj)

O determinante (DT) integra o GSb



Tanto o determinante (DT) como o adjetivo (Adj) incidem sobre o substantivo (Sb).



Observem-se as relações de incidência distintas nos seguintes exemplos: (Os termos sublinhados são o centro da incidência):

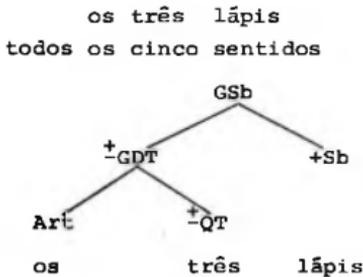
- 1 - O livro
 - O que eu quero
- 2 - Dê-me uma laranja
 - Dê-me uma boa
- 3 - Cinco livros
 - Cinco dos livros

2.2. O GSb é formado de um substantivo (Sb) e de um grupo determinante (GDT)

$$\text{GSb} = +\text{Sb} \text{ } ^+\text{GDT}$$

Exemplo:

a mesa
 todos os alunos



2.4. O GDT é formado pelo artigo (art) e pelos quantificadores (QT)

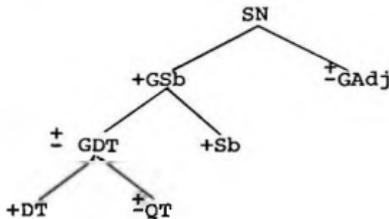
$$\underline{\text{GDT} = +\text{Art} \quad \pm\text{QT}}$$

O quantificador (QT) pode exercer as funções de substituto do GSb:

"Tenho cinco irmãos;
dois estudam"

Em situação de ênfase, o DT pode ser omitido.

2.5. Estrutura formal do SN.



Os elementos facultativos podem ser repetidos:

a) Por subordinação:

História do Brasil Colonial
 Sb Adj¹ Adj²
 Sb (Adj¹ + Adj²)

b) Por coordenação:

Tarefa difícil e sacrificada mas necessária.

2.6. Estrutura Formal do GSb e do GAdj

O Grupo Substantivo (GSb) é formado pelo substantivo e seus identificadores. Os identificadores podem ser:

- a) Obrigatórios: Determinante, número e gênero ou sexo.
- b) Facultativos: os quantificadores.

O Grupo Adjetivo (GAdj) é formado pelo Adjetivo (Adj) e seus identificadores.

Os identificadores podem ser:

- a) Obrigatórios: concordância com o substantivo: sexo ou gênero e número (no AdjI)
- b) Facultativos: os quantificadores (p/ Adj I e II) e Adj II (p/ Adj I).

2.7. Quadro da Estrutura do SN

SN									
GSb					+GAdj				
DT	+QT	Sb	ge/sx	nº	+QT	Adj	+Adj II	ge/sx	nº
os	três	alun-	-o	-s	muito	apt-	- tecnicamente	-o	-s
Uma	-	saída	∅	∅	muito	precipi- tad-	-	-a	∅

3. GRUPO ADJETIVAL - GAdj

3.1. O Grupo Adjetival integra-se no SN ou no SV. Sua existência é mais independente em AxP + GAdj.

Assim, temos os seguintes tipos de GAdj:

SN	GAdj
O livro	novo
O livro	de Paulo
O livro	que você me deu
O livro	foi escrito por Paulo
João	está apressado

3.2. O GAdj pode ser formado por um Adj \pm QT ou por um GSb acompanhado de relacionante (RL):

$$\text{GAdj} = \pm \text{QT} + \text{Adj}$$

ou:

$$\text{GAdj} = +\text{RL} + \text{GSb}$$

- O curso de letras
- Homem sedento de glória.

3.3. O GAdj pode resultar de uma integração do predicado, fazendo parte integrante do SN:

- a mesa é redonda - EN
- a mesa, que é redonda... - GSb +GAdjtr = SN
- a mesa redonda

3.4. O GAdj pode incidir sobre o SV, do qual faz parte, tomando a marca de incidência - mente, ou com a marca \emptyset :

- ES₁: /João estuda/
 ES₂: /O estudo é diário/
 EI: "João estuda diariamente"

Nota: O Adj II, com marca de incidência - mente, ou não, pode também incidir sobre um Adj I:

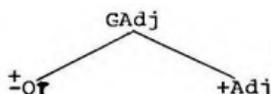
- ES₁: /O ato foi heróico/

ES₂: /O heroísmo foi tráfico/

EI : O ato foi tragicamente heróico.

$$\underline{\underline{\text{GAdj} = \text{Adj II} + \text{Adj I}}}$$

3.5. Estrutura formal do GAdj



4. SINTAGMA VERBAL - SV

4.1. O SV aparece sô (verbo intransitivo (SV¹), ou acompanhado de um ou mais SN (SV²).

$$\underline{\underline{\text{SV} = \text{FV}_1 / \text{ou} / \text{FV}_2}}$$

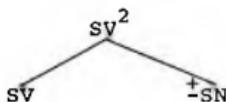
SV¹ - a folha cai



SV₁ - Pedro dorme

SV² - João deu um livro ao professor.

Módulo do SV²:



4.2. O SV é composto pelo grupo verbal (GVb) e, eventualmente, por auxiliares de modalidade (AxM), auxiliares de desenvolvimento (AxD), e por Grupos Adjetivais (GAdj).

$$\overline{SV = + GVb \pm AxM \pm AxD \pm GAdj}$$

(Paulo) queria poder ter viajado
 AxM AxM GVb

Ele tem escrito muito depressa
 GVb GAdj

4.3. Os auxiliares de desenvolvimento (AxD) podem aplicar-se ao AxM ou ao Vb.

$$\overline{GVb = + Vb \pm AxD}$$

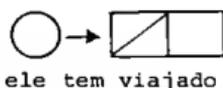
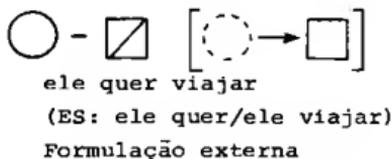
$$\overline{GAxM = +AxM \pm AxD}$$

- (Ele) tem querido ter estudado
 AxD AxM AxD Vb

4.4. A modalidade é mais externa ao verbo do que o desenvolvi -
 mento:

A modalidade rege um enunciado.

O desenvolvimento é interno ao SV.



Formulação interna

/v/

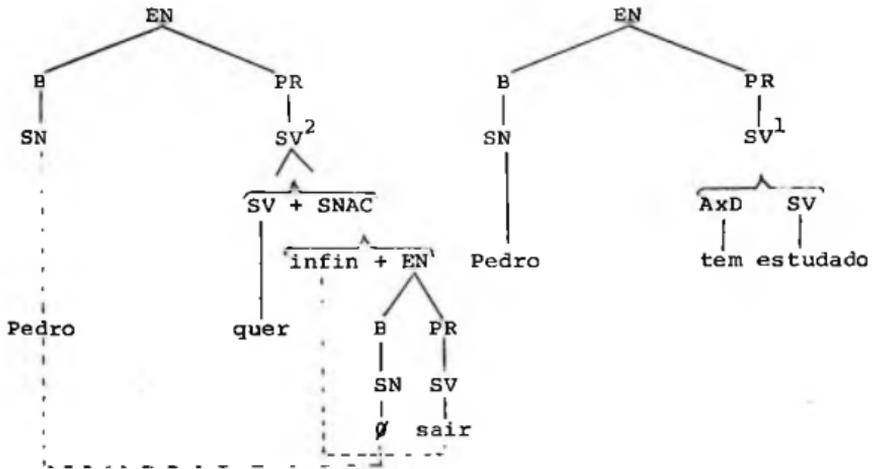
4.5. O AxM tem todas as propriedades formais de um SV, por isto temos um predicado do tipo SV². Um auxiliar como querer re -
 cebe todas as possibilidades combinatórias do Vb:

tem pensado / querer
 AxD AxM AxM

Pelo contrário o AxD é ligado ao grupo verbal e não rege -
 SNAC., como se pode verificar nos dois exemplos seguintes:

- Pedro quer sair (AxM)

- Pedro tem estudado (AxD)



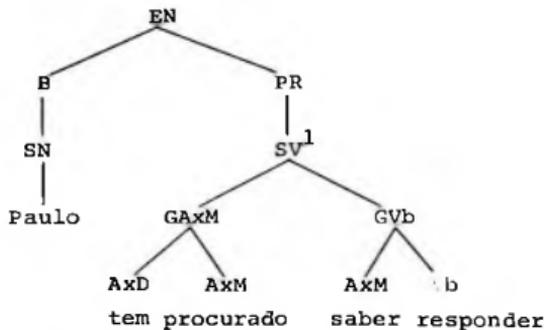
4.6. Deste ponto de vista, um SV tem, como características:

- o módulo
- a modalidade externa (AxM)
- o desenvolvimento interno (AxD)

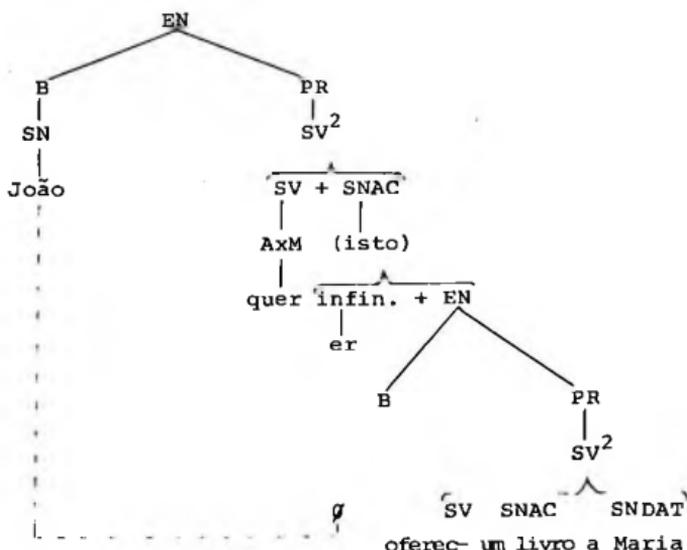
O AxD pode ser aplicado a um AxM como a um Vb:

- "Paulo tem procurado saber responder"

AxD AxM AxM Vb



- João quer oferecer um livro a Maria



4.7. Toda a estrutura sintática está ligada à tipologia da língua:

Assim, o incoativo em português pode usar as seguintes estruturas:

"planta → florir"
 - começa a florir
 AxD Vb

ou:

 floresce
 Vb

"manhã → surgir"
 - amanhece
 Vb

4.8. No SV, somente o primeiro elemento do GVb (Ax), está em forma pessoal; os outros elementos podem estar no infinito, no particípio ou no gerúndio:

- ele trabalha
- ele tem trabalhado

- ele tem podido querer trabalhar
- ele tem querido trabalhar
- ele está trabalhando

4.9. Certas formulações, com incidência sobre o enunciado, manifestam-se no SV, por meio de indicadores:

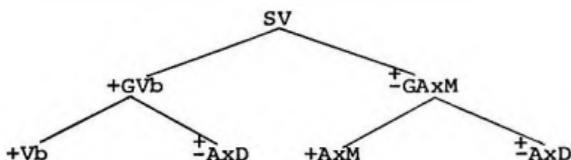
Ana < Rel > estudar
Neg

"Ana não estuda"

Pela posição dos indicadores, podemos verificar a incidência da asserção no SV:

[Ass.	(AxM (AxM)]	Ass.	(AxM (Vb)
Não	tem sabido			ser respeitado
	tem sabido	não		ser respeitado
Não	tem querido			ser perturbado
	tem querido	não		ser perturbado

4.10. Quadro da Estrutura do SV (sem asserção)



4.11. Estrutura Formal do SV

O grupo verbal (GVb) é formado pelo verbo e seus identificadores. Os identificadores do Vb podem ser de dois níveis:

- a) Obrigatórios (modo, tempo, pessoa e número). Aparecem - na desinência.
- b) Facultativos (os que se exprimem pelos auxiliares).

O grupo adjetivo de incidência verbal (Adj II), pode ter o índice - mente, ou Ø como: bem, mal, muito, depressa, etc.

Sendo o Adj II, por natureza, palavra invariável, o GAdj - somente tem como elemento identificador facultativo o quantificador.

SV					
GVb				+GAdj	
+Ax	+Vb	modo tempo	pessoa número	+QT	+ Adj II
	estud-a	-va			difícilmente
quer-	estudar	-ia	ø	muito	negligentemente

4.12. Análise do Sintagma Circunstancial - SC

O Sintagma circunstancial (SC), somente tem existência teórica. É formado pelos elementos marginais (EM) do enunciado, que provêm de enunciado transformado ou de um SN.

Não são inseridos no módulo do SN ou SV. Um SN pode tornar-se SC por meio do relacionante (RL): no Brasil, em pequeno, ao anoitecer, até às cinco horas. Incluem-se nesta categoria os substitutos circunstanciais: hoje, (= neste dia) ontem, (T) aqui (neste lugar), (E), como, assim, (N), etc. No sistema causal tais elementos do EN são analisados como Locativo (LocE, T, N). Um enunciado pode também tornar-se SC, por transferência, através de relacionante:

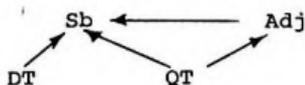
- saí e você chegou
- saí quando você chegou.

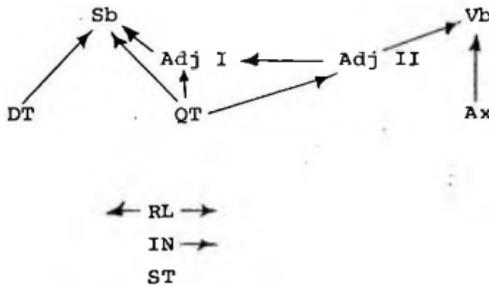
O SC será analisado, aqui, simplesmente como elemento marginal (EM) do enunciado, ou como SN-Loc.

Os substitutos circunstanciais são aqui analisados como SN:

- ontem = SN-LocT
- ali = SN-LocE
- assim = SN-LocN

4.13. Hierarquia das Categorias em Português





Sequências banais das categorias no Sintagma:

SN = +DT +QT +Adj +Sb (+GAdj-Tr)

Os dois belos olhos que você tem

GAdj = (+GVb) +QT +Adj (+LocN)

Tem sido bem atento às aulas

SV² = +AxD +AxM +Vb +QT (+Loc-T)

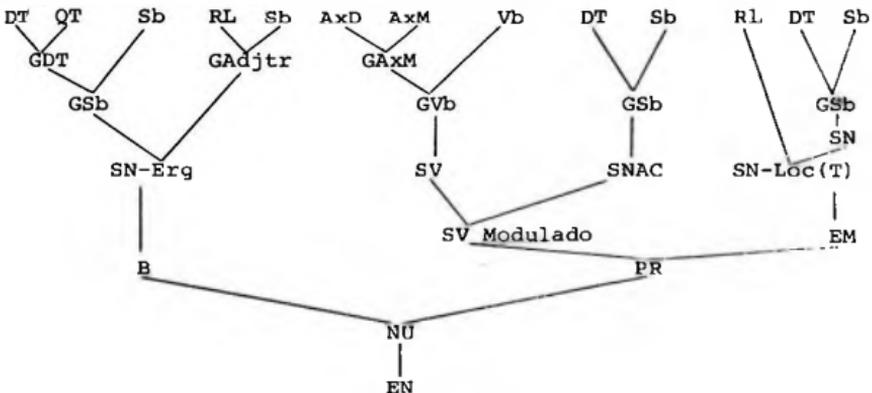
Tem podido trabalhar bastante de manhã

SV¹ = (+DT +Sb) +Vb (+Loc-T)

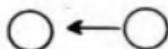
As folhas caem no outono

4.14. Quadro Geral da Estrutura do Enunciado

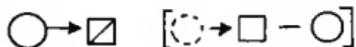
Os três irmãos de João têm sabido dirigir sua firma após a fusão.



Estrutura subjacente da frase analisada acima:



ES¹: João tem três irmãos

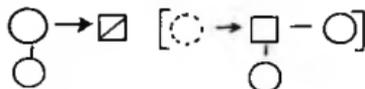


ES²: irmãos saber (irmãos) dirigir firma



ES³: Após a fusão

A estrutura integrada supõe ES¹ em visão 2 (base: irmãos),
e a ES³ aplicada à ES²



de João - LocN

após fusão - LocT

ESTRUTURA FORMAL DO ENUNCIADO

1. ESTRUTURA FORMAL

1.1. O enunciado (EN) é a unidade de comunicação. Representa a longitude de sequência escolhida pelo locutor:

"Venha. Sua mãe já chegou".

Du: "Venha porque sua mãe já chegou".

1.2. O EN pode ser simples ou complexo.

O EN simples é a unidade mínima de comunicação.

O EN complexo corresponde à combinação de enunciados simples, interligados por Relacionantes (RL):

$$\underline{EN = \{ EN_s^1, RL + EN_s^2, \dots RL + EN_s^n \}}$$

1.3. Os relacionantes (RL) podem ser:

- a) coordenantes (e, mas, ou, portanto, entretanto, etc.), ou zero;
- b) subordinantes (porque, embora, para, etc.).

1.4. O enunciado simples (ENs) é formado por um núcleo (NU) (o brigatório) e elementos marginais (EM) (facultativos).

$$ENs = \{ + NU \pm EM \}$$

1.5. A partir de dois ENs (enunciados simples) podemos ter as seguintes relações:

a) justaposição: EN^1, EN^2

"Ele foi ao cinema. Não adianta esperá-lo."

"Este livro é muito bem apresentado. Tem até ilustrações".

b) coordenação: $ENC = EN_s^1 + RL + EN_s^2$

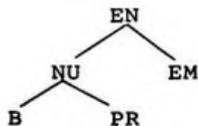
"Ele está doente, mas não precisa de nada".

"Este livro é muito bem apresentado e tem até ilustrações".

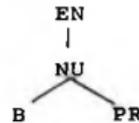
2.3. Efeitos da ordem

Uma mesma sequência pode funcionar como elemento marginal (EM) ou ser integrado ao predicado (adjetivação do enunciado ou do predicado):

"Inesperadamente, o jovem toma a dianteira"

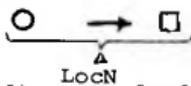


"O jovem tomou a dianteira, inesperadamente"

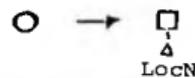


Representação gráfica das incidências:

O jovem tomou a dianteira
inesperadamente



O jovem tomou a dianteira,
inesperadamente



Esta diversidade de incidência do mesmo elemento é determinada pelo tectema de ordem, em linguagem escrita, e pela prosódia em linguagem oral, que assumem funções de significante.

2.4. EN na voz atributiva - passiva:

Análise de um enunciado na voz atributiva-passiva:

"Ao chegar o outono, as aves são abatidas pelos caçadores".

ES₁: o outono chega

ES₂: os caçadores abatem as aves

ES₂ (ES₁): "os caçadores abatem as aves quando chega o outono".

EI: $\overset{+}{\text{O}} \rightarrow \square - \overset{-}{\text{O}}$
Erg Ac
LocT

Opção da visão sobre o AC: "Pelos caçadores, as aves são a batidas quando chega o outono".

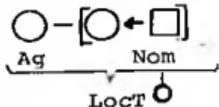
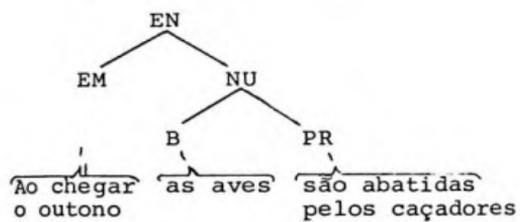


Gráfico sintático:



SINTACTEMAS CONSTITUINTES DO ENUNCIADO

1. Os Sintagmas

A escolha semântica determina o elemento tomado como BASE: o resto da sequência pertence ao Predicado (independentemente dos elementos marginais).

Em português, a BASE (B) tem sempre forma nominal. A sequência de base é um Sintagma Nominal (SN).

O PREDICADO (PR) pode ser:

- Um sintagma verbal (SV)
- Um grupo adjetival (GAdj.)
- Um sintagma nominal (SN')

O SN do PR deve ser diferenciado de SN da BASE. Em mensagem explícita, o SN do PR é marcado, em português, por um verbo auxiliar (AxP): $SN' = AxP + SN$.

2. Os Sintactemas

2.1. Em português, as combinações de Sintagmas que formam o enunciado - (Sintactemas) - são:

- SN x SN' (I)
- SN x GAdj. (II)
- SN x SV (III)

As diversas vozes estão representadas nestes três sintactemas.

2.2. Em função dos actantes considerados e da voz, podemos formalizar as estruturas do Predicado em Português da seguinte forma:

VOZ	SN'	GAdj.	SV	Nº de Actantes
Atributivo ←	I ₁ (EQ)	II ₁ (DESC)	III ₁	1 actante
	I ₂ (SIT) (POS)	II ₂ (DESC + AG)		2 actantes (pelo menos)
Ativo →			III ₂	

Esta estrutura de relações corresponde às seguintes fórmulas de sintactemas:

B	<	Rel	>	PR
SN	→			SN' (I ₁)
SN	←			SN' (I ₂)
SN	→			GAdj. (II ₁)
SN	←			GAdj. (II ₂)
SN		→		SV (III ₁)
SN		→		SV (III ₂)

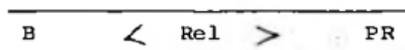
Ou ainda:

B	<	Rel	>	PR
SN		Atributiva ←		SN' (I ₁ , I ₂) GAdj. (II ₁ , II ₂)
		Ativa →		SV (III ₁) SV (III ₂)

2.3. Exemplos de Sintactemas Básicos

O sintactema básico de toda a mensagem linguística pode

ser formulado assim:



(Formulação de Relações entre a Base e Predicado)

		B	<	Rel	>	PR	
VOZ ATRIBUTIVA	I ₁	eles isto		são alunos perspicazes é um lápis			
		○ ← ○					
	I ₂	nós você		estamos em São Paulo tem muitas preocupações			SN ← SN'
		○ ← ○					
VOZ ATRIBUTIVA	II ₁	Maria a porta		está cansada está fechada			
		○ ← △					
	II ₂	a porta a casa		foi fechada pelo vigia é construída pelos trabalhadores			SN ← GAdj.
		○ ← □ ← ○					
VOZ ATIVA	III ₁	Paulo ele a nuvem		estuda viaja passa			
		○ → □					
	III ₂	o chofer Carlos		fecha o carro comprou um relógio			SN → SV
		○ → □ — ○					

3. Podemos verificar que, em Português, o PREDICADO comporta, normalmente, um elemento de classe verbal, que é auxiliar (Ax) nos casos SN' e GAdj., e principal em SV:

PR	
SN' = \pm Ax + SN	(I)
GAdj. = \pm Ax + GAdj. (\pm SN)	(II)
SV = SV (\pm SN)	(III)

Em situação de ênfase, o verbo auxiliar (Ax) pode ser omitido, combinando-se o SN' (PR) diretamente com o SN (B). Estrutura muito usada em títulos, manchetes e mensagens de propaganda. Justificam-se tais ocorrências porque tais auxiliares, por serem anódinos, são facilmente mentados.

A ausência provoca a criação de um EN com justaposição do sujeito e do predicado. Tal justaposição tem como efeito estilístico provocar um impacto de grande força expressiva.

Exemplo:

"Gato em teto de zinco quente".

"Brasil invicto".

"Idéia Absurda e Infeliz".

"Fiesp contra os 70% aos metalúrgicos" (F.S.P. 5/10/78)

"Analu, nas ilusões de Policarpo" (F.S.P. -19/10/78)

"No palácio, outro "não" ao magistério" (id. 5/10/78)

"Finor outra vez em ação" (propaganda - ib.)

"Fotótica. Preços baixos acima de qualquer suspeita" (propaganda - ib.)

"Estatuto sem Prorrogação". (F.S.P. 5/10/78)

"Disciplinadas as inscrições nas escolas". (ib.)

"Rotineira a convocação de inspetores". (ib.)

"Crédito um dos problemas das pequenas firmas". (ib.)

"Sensacional pré-lançamento". (ib.)

"Vampiros mexicanos, a atração". (ib.)

"O cinema brasileiro em questão". (ib.)

"Tudo mais simples, por edital". (Crônica de C.D.Andrade) (ib.)

"Santos, uma cidade em alerta permanente". (E.S.P. 14/5/78)

"Tudo certo... mas nada em ordem" (Título de filme).

4. Os Diversos Sintactemas

4.1. O Sintactema SN \leftarrow SN'

4.1.1. Somente o Sintagma Nominal (SN) exerce a função de Base. Ele pode também ser utilizado nos três tipos de predicado.

A marca de caso (RL) (ver) é ligada ao SN.

Ex.:

Por prudência, Ana permaneceu no aeroporto.

SN	SN	Ax	SN'
(Caus)	(Nom)		(Loc)

Análise: (Estruturas Subjacentes (ES)):

ES¹: /Ana ser prudente/

ES²: /Ana permanecer no aeroporto/

- Relação: ES² / porque/ ES¹

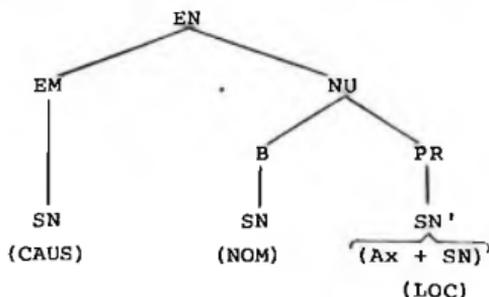
(Estrutura Integrada (EI)):

/Por prudência, Ana permaneceu no aeroporto/

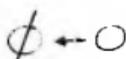
Fórmula = ES² (ES¹).

Concluimos, pela fórmula, que ES¹ é um elemento marginal (EM) do enunciado.

Este enunciado pode ser representado da seguinte forma:

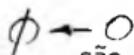


4.1.2. Se a base é \emptyset (zero), conservamos o SN como representação fictícia de B:



é tempo (de festas)

há tempo (suficiente)

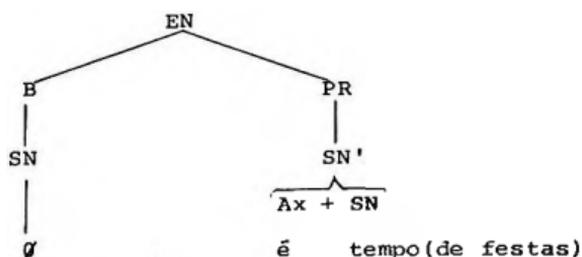


são 20 horas

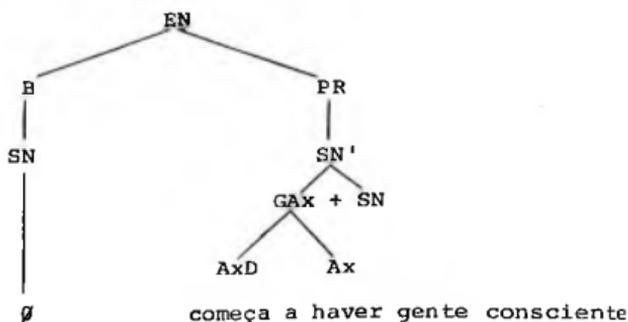
estamos na primavera

Exemplificação:

/É tempo de festa/



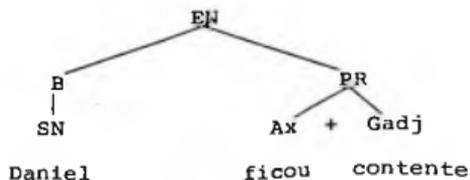
/Começa a haver gente consciente/



4.2. Sintactema: SN — Gadj.:

A relação estabelecida entre o Sintactema SN Gadj. é feita pelo verbo auxiliar.

4.2.1. Enunciado com um actante (Gadj₁)

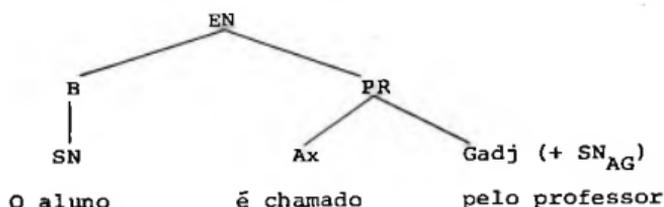


Em situação enfática o auxiliar pode ser omitido.

Ex.:

"Aniquilada a equipe X" (manchete)

4.2.2. Enunciado com dois actantes:



4.3. Sintactema: $SN \rightarrow SV^1$

O Sintactema $SN \rightarrow SV^1$ é formado com o emprego do verbo in transitivo. Tem somente um actante:

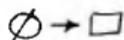
Ex.:

Ele sai
O pássaro voa.
Ressurge a primavera.

Como no Sintactema $SN \leftarrow SN'$, a base pode ser zero:

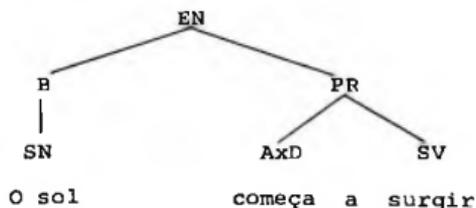
Ex.:

Chove
Neva
Telampeja



Módulo de $SN \rightarrow SV^1$

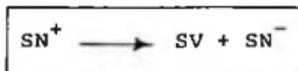
/Começa a surgir o sol/



4.4. Sintactema: $SN \rightarrow SV^2$

No Sintactema $SN \rightarrow SV^2$, o SV supõe uma diferença de poten

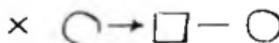
cial entre os dois actantes: A Base (+) e o Objeto Direto (AC) (-)



- Pedro (+) bebe água (-)
PR = SV + SN_{AC}

Alguns verbos admitem a omissão de SN_{AC}

- João bebe X João bebe água
- Ele come muito apressado X ele come muita verdura



5. Quadro geral dos Sintactemas

		B	<	Rel	>	PR		
	Voz	SN'		Gadj		SV	Actância	
		± Ax + SN		± Ax + Gadj (± SN)		SV (± SN)		
SN	Atributivo	é aluno aplicado		está preocupado			1 actante	
		é um crápula		é inteligente				
Paulo	Ativo	é um mentiroso		é mentiroso			2 actantes	
		está em casa		foi interrogado pelo professor				
	Ativo					dirige o carro	1 actante	
						comprou um livro		
						viajou	1 actante	
						decaiu mente		

INDICADORES INTERLOCUTIVOS - DÊITICOS

Situativos de espaço, tempo e noção

1. CONSIDERAÇÕES GERAIS

1.1. Os Indicadores Interlocutivos ou dêiticos são signos não referenciais em relação à realidade concreta; tornam-se referenciais plenos ao serem assumidos pelo locutor em cada instância do discurso. Sendo desprovidos de referência material, o dêitico é contemporâneo de cada instância do discurso em que se situa e indicador de pessoa. É desta referência, no interior do discurso, que o dêitico extrai seu valor, sempre único e particular (1). O seu valor é caracterizado pela relação entre ele como indicador (de pessoa, tempo, lugar, objeto, etc.) e a instância do discurso.

O vocábulo de significado dêitico, portanto, em vez de simbolizar "objetos", para eles aponta. O significado é preenchido pelo contexto ou pela situação.

No dêitico, o locutivo (Eu) desempenha o papel de centro da comunicação: tudo é classificado em relação a quem fala. Aquí, ali, agora, isto designam lugares, momentos, seres, próximos ou distantes do locutor. Eu, tu, ele... são correlatos da pessoa que fala, com quem ou de quem se fala. (2)

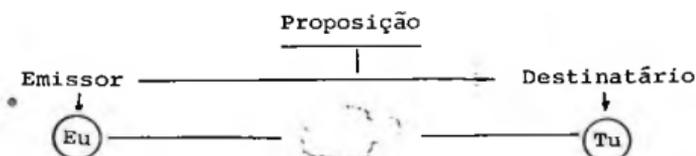
São igualmente dêiticos vocábulos como "coisa", "negócio", "trem", quando seu significado é impreciso, mas preenchido pelo contexto.

Enfim, designamos como vocábulos dêiticos as expressões cujo referente só pode ser determinado em relação aos interlocutores.

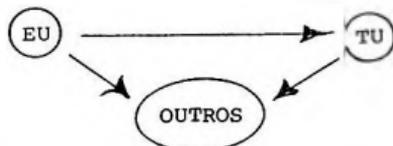
(1) Caracterização baseada em E. BENVENISTE, "Problemas de Linguística Geral", Cap. XIV.

(2) Tais indicadores, exercendo a função de substitutos nominais, são situados por Pottier na classe de interlocução e não dos dêiticos.

- 1.2. Situando-se dentro das classes, caracterizadas por Potier como de Formulação Comunicativa locutiva, os dêiticos referem-se às relações (espaciais, temporais, ou nocionais) entre designações. No esquema de comunicação linguística, temos os polos:



Na formulação locutiva, da qual é subdivisão a dêixis, temos um conjunto de classes de caracterização da intenção comunicativa, sendo esta fundada na relação do Eu com o Tu e os outros.



Trata-se portanto de situativos ligados às circunstâncias do ato do discurso.

A dêixis estuda a organização dos três domínios: espacial (E), temporal (T) e nocional (N), em relação aos interlocutores.

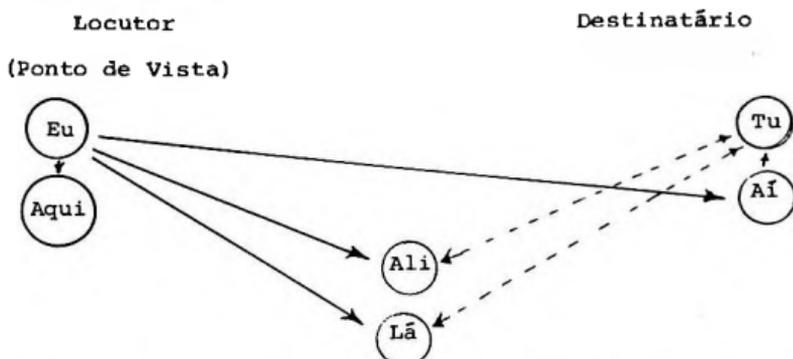
Temos, assim, os dêiticos situados nos três domínios:

ESPACIAL (E)	aqui	aí	alí	lá
	cá	-	-	lã
TEMPORAL (T)	ontem	hoje	amanhã	-
NOCIONAL (N)	-	assim	diferen temente	-

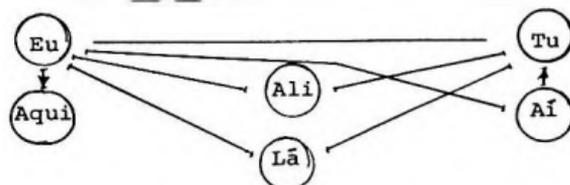
2. DÊIXIS ESPACIAL (E)

2.1. Localizador:

O localizador divide-se em zonas de proximidade/afastamento, em relação ao locutor (Eu), o qual representa o ponto de vista, podendo ainda se relacionar ou não com o destinatário (Tu).



As zonas de proximidade/afastamento de um ponto relacionado com os polos, Eu/Tu podem ser assim representadas:



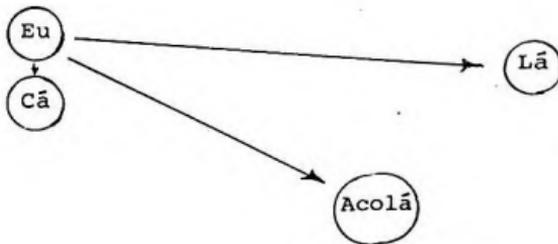
A dêixis espacial pode não exigir a presença do Tu destinatário interlocutor, referindo simplesmente pontos de aproximação ou distância em relação ao Eu locutor. O Tu, -destinatário da mensagem, não é, neste caso, objeto das relações espaciais.

"As aves que aqui gorgéiam
Não gorgéiam como lá".

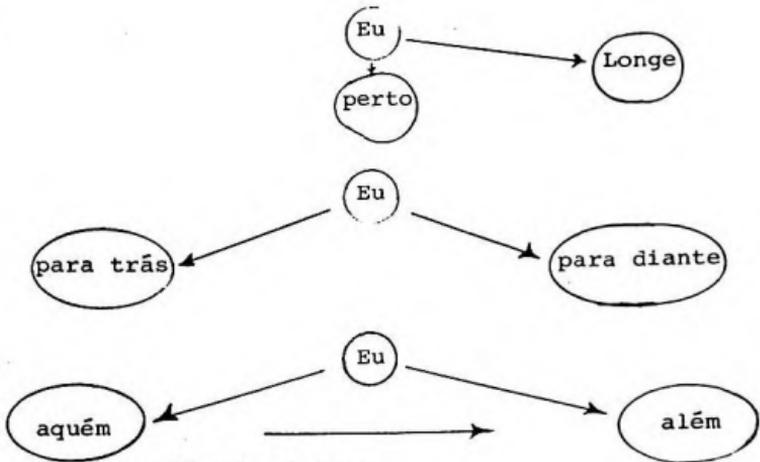
(Canção do Exílio, G.Dias)



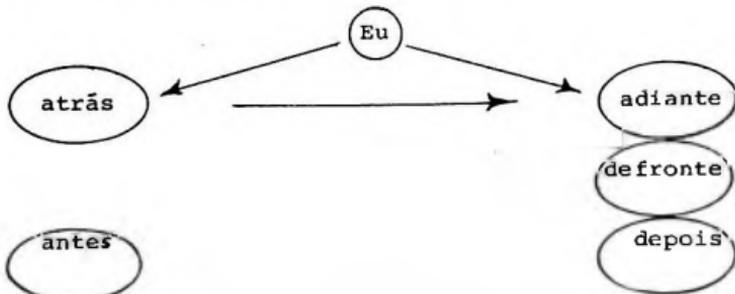
E ainda:



Ou:



Ex.: aquém e além fronteiras.

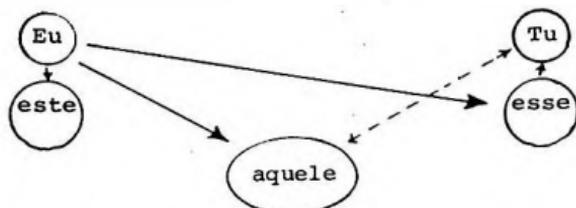


As séries de "aqui" e "cá" tem semas distintivos:

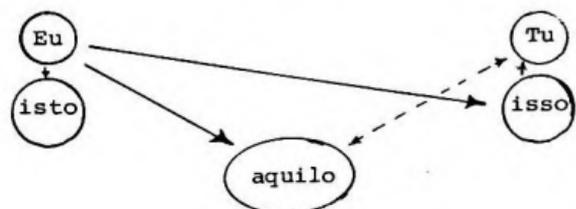
Intensivo (mais pontual):	aqui	aí	ali	lá	
Extensivo (mais global):	cá			lá	acolã
	aqui			lã	

2.2. Demonstrativo:

Além de sua função de substitutos e/ou determinantes nominais, os demonstrativos exercem a função de situativos espaciais, estabelecendo a proximidade/distância do locutor ou dos interlocutores:



Ou:



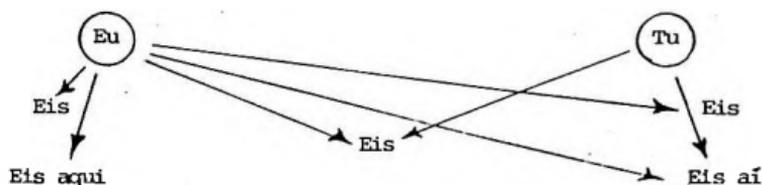
A oposição é sempre de proximidade/distância em relação - ao locutor (Eu), ao interlocutor (Tu) ou em relação aos - dois (1).

2.3. Presentativos:

Em português podemos indicar a apresentação espacial próxima através das formas:

- eis (próximo a Eu, a Tu, ou distante dos dois) (exige a utilização do código gestual para precisar a mensagem).
- eis aqui (próximo de Eu)
- eis aí (próximo de Tu)

(1) Os substitutos demonstrativos somente são por nós considerados dêiticos quando o "objeto" de sua referência é externo ao sistema linguístico. Ex. Este livro (que está próximo de mim). Quando seu "objeto" de referência é interno ao sistema linguístico, analisamo-lo como simples substituto: Ex. Os livros e os cadernos são úteis; estes para preparar exercícios e aqueles para a prática da leitura.



3. DÊIXIS TEMPORAL

O locutor organiza o tempo sobre um eixo contínuo, situando-se nesse eixo em um ponto mais ou menos amplo, que é o presente. Em referência a esse presente, no qual se situa o locutor, estabelece-se o tempo anterior e o posterior: o passado e o futuro.

← Presente →		
Passado		Futuro
então	agora	então
ontem	hoje	amanhã
outrora	já	-
tarde	-	cedo
antes	-	depois

4. DÊIXIS NOCIONAL

A dêixis nocional opõe a coincidência à não-coincidência:

assim/diferentemente

Situam-se ainda, na categoria nocional, vocábulos dêíticos, como: "coisa", "negócio", "trem".

5. QUADRO EXEMPLIFICATIVO DOS DÊITICOS

		"Eu"	"Tu"	Outros	
Espacial (E)	Localizador	aqui	aí	ali	lá
		cã			lá acolá
		perto		longe	
		aquém		além	
	Demonstrativo	este	esse	aquele	aqueleoutro
		isto	isso	aquilo	
	Presentativo	eis	eis	eis	
		eis aqui	eis aí		

		Passado	Presente	Futuro
Temporal (T)		ontem	hoje	amanhã
		outrora	já	logo
		então	agora	então
		tarde	-	cedo
		antes	-	depois

Nocional (N)	assim/diferentemente
--------------	----------------------

Pelo quadro acima podemos observar que os dêiticos espacial localizador, o temporal e o nocional correspondem aos advérbios de lugar, tempo e modo, da gramática tradicional, ou adjetivo II da convenção por nós seguida.

VERBOS AUXILIARES E ASPECTO EM PORTUGUÊSI - CRITÉRIOS DE AUXILIARIDADE

1. CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS QUANTO AO SIGNIFICADO

1.1. Podemos classificar os verbos, de acordo com o seu significado, em:

- a) Verbos que manifestam um processo dinâmico, o desenvolvimento de uma ação ou comportamento;
- b) Verbos de estado.

1.2. Entre os verbos de estado, além dos auxiliares básicos, ser, estar, ter e haver, incluem-se outros verbos como: possuir, necessitar, precisar, carecer, conter, conhecer, permanecer, ficar, tornar-se, etc., e os verbos que significam mudanças de estado, (os incoativos: emagrecer (= tornar-se magro), adoecer (= ficar doente), empalidecer (= tornar-se pálido).

1.3. Nos verbos de ação, a atitude do sujeito em relação ao processo verbal pode ser ativa, passiva, ou simultaneamente ativa e passiva (reflexiva):

Paulo escreveu uma carta
O livro foi comprado por Maria
Pedro machucou-se.

Nos verbos de estado, a ação do sujeito não é considerada, podendo ser neutra.

Pedro é trabalhador
Paulo ficou preocupado.

1.4. Sendo o verbo o elemento caracterizador do processo, pela caracterização dinâmica ou não-dinâmica, podemos distinguir as "vozes" do verbo, como ficou analisado no capítulo , em:

Ativa
 Atributiva
 e
 Média.

Os verbos de ação formam a voz ativa; os verbos de estado, a voz atributiva.

2. CARACTERIZAÇÃO DA AUXILIARIDADE

2.1. Tomando como ponto de partida a função exercida pelos verbos no sintagma, podemos subdividi-los em duas grandes classes: os verbos principais e os auxiliares.

Verbo principal é todo o que funciona como núcleo do sintagma verbal, conservando a significação plena;

Verbo auxiliar (Ax) é todo o verbo que incide:

- a) Sobre outro verbo em um mesmo sintagma verbal;
- b) Ou sobre a predicação, em estruturas do tipo SN + (Ax + SN') ou SN + (Ax + GAdj.).

No primeiro caso, o verbo auxiliar combina-se com as formas nominais do verbo principal, ficando prejudicado em seu significado próprio. (1) No segundo, o Ax estabelece a ligação entre dois sintagmas nominais ou um SN e um grupo adjetival (GAdj.).

(1) Não adotamos, em princípio, portanto, definições do tipo da proposta por Said Ali, que divide os verbos em nocionais e auxiliares, pois consideramos que os verbos auxiliares não perdem integralmente seu valor semântico.

2.2. O auxiliar (Ax) forma com o verbo principal um todo significativo, formando um complexo ou locução verbal.

Não há uma separação nítida entre os verbos principais e os auxiliares em termos semânticos. Existe antes um contínuo entre o verbo principal e o auxiliar.

O grau de perda semântica dos verbos auxiliares pode ser assim caracterizado:

- a) Perda quase total: ser e estar
- b) Significação incompleta: parecer, ficar, ...
- c) Sentido latente: andar, ir, vir, ...

2.3. O auxiliar tende à lexicalização, formando um todo significativo com o verbo principal, e funcionando como grama. Neste caso enfraquece o seu significado próprio lexemático. No entanto, esta integração do auxiliar com o auxiliado opera-se em diferentes graus, que podemos caracterizar sobre um eixo contínuo, da lexematização maior - para a independência lexêmica, entre o Ax e o Vb principal. A independência é mais marcante quando o auxiliar - modal rege um enunciado transferido, com sujeitos diferentes.

O eixo de lexicalização do auxiliar pode ser representado pelo seguinte esquema:

+					-				
(+) lexicalização					(-) lexicalização				
Z1	Z2	Z3	Z4	Z5	Z6	Z7	Z8	Z9	Z10
ser	estar	ter haver	ir vir	poder dever	tomar a voltar a etc.	começar a continuar pôr-se a meter-se a etc.	querer desejar intentar buscar etc.	dizer falar proclamar etc.	exigir jurar prometer

2.4. Dentro dos critérios que adotamos, não cabe o princípio de que o auxiliar deve funcionar como um elemento gramatical vazio de conteúdo semântico.

Afirmamos, pelo contrário, que mesmo os auxiliares tradicionais (ser, estar, ter e haver) conservam, ao lado de sua função gramatical dominante, o valor lexical subjacente, embora extremamente esvaziado.

2.5. O verbo SER, que é o verbo auxiliar por excelência, e por isso o mais esvaziado de conteúdo semântico, nem por isso pode ser considerado uma forma vazia de significado. Podemos verificar a diferença nos seguintes exemplos:

Base	Predicado	Significado
Paulo	$\left. \begin{array}{l} \text{é} \\ \text{está} \\ \text{parece} \\ \text{continua} \end{array} \right\} \text{ alegre}$	$\left\{ \begin{array}{l} - \text{inerência} \\ - \text{extrínseco} \\ - \text{aparência} \\ - \text{continuidade em} \\ \text{relação a estado} \\ \text{anterior} \end{array} \right.$

2.6. O verbo auxiliar, além de fornecer ao verbo principal o modo, tempo, pessoa e número, contribui para a formalização do aspecto e da modalidade do processo ou significado verbal.

A razão de que o verbo SER, auxiliar, não é usado em línguas como a russa, e é frequentemente omitido em latim (ex. "ut pictura poesis"), não justifica, parece-nos, que possamos considerá-lo simples "portador de tempo", pelo fato de ser neutro quanto ao aspecto. De fato o mesmo po de também ser omitido em português em situações enfáticas:

"Este livro, uma obra prima..."

Temos inúmeros provérbios ou ditos populares, onde o verbo é omitido. No entanto, ele faz parte da estrutura do enunciado. Sua ausência instaura uma situação ambígua de grande riqueza expressiva.

3. O VERBO AUXILIAR NA CATEGORIA VERBAL

Visando situar os verbos auxiliares no contexto da categoria verbal, podemos fazer as seguintes distinções prévias:

3.1. Verbos que não podem ser auxiliares: estudar, escrever, viajar, construir, etc.

3.2. Verbos que podem ser:

a) Principais,

b) Auxiliados, ou

c) Auxiliares:

a) Ana quer um livro
 Pedro vai à cidade
 A criança anda lentamente
 João tem um carro.

b) Ana está querendo um livro
 Pedro tem ido à cidade
 Ele está andando muito

c) Ana quer estudar
 Pedro vai pesquisar esse tema
 Ela anda viajando muito

3.3. Verbos auxiliares de predicação (AXP) (os chamados verbos de ligação da Gramática Normativa).

Paulo é jovem
 Pedro foi um canalha
 Ele parece estudioso
 Ela continua alegre
 João está satisfeito.

4. AUXILIARES DE INCIDÊNCIA DIRETA E INDIRETA

4.1. Os verbos auxiliares podem ter incidência direta ou indireta sobre o verbo principal:

a) Verbos de incidência direta:

Quero estudar
Tenho viajado
Estou estudando
Pode ler
Sei dirigir.

b) Os verbos de incidência indireta juntam-se ao principal através de um relacionante sintagmático (preposição):

Estava para declarar
Preciso de dizer
Voltou a dizer
Pôs-se a gritar
Começou a estudar.

5. AUXILIARIDADE: UMA QUESTÃO ABERTA

A caracterização de verbo auxiliar não é unânime entre os linguístas modernos.

5.1. Em seu estudo sobre "os verbos auxiliares em Português - Contemporâneo", Lúcia Lobato faz uma análise exaustiva dos diversos critérios adotados para caracterizar o verbo auxiliar, tomando finalmente a seguinte posição: subdividir os verbos auxiliares em:

a) Auxiliares em sentido amplo ("lato sensu") ou auxiliares;

- b) Auxiliares em sentido estrito (strito sensu).
- a) Nos auxiliares em sentido amplo inclui os auxiliares:
- de tempo (ter, haver, e às vezes, ser; ex. bebeu / tinha bebido; ele já era nascido);
 - de desenvolvimento (começar a, continuar a; ex. bebeu/começou a beber, tem bebido);
 - os modais (poder, dever, querer, crer; ex. bebeu/po dia beber);
 - de voz (ser; ex. escrever/é escrito).
- b) Os verbos auxiliares em sentido estrito, para a citada pesquisadora, ficaram restritos a uma classe de inventário fechado de quatro elementos:

ser + pp
 estar + ger
 ter + pp
 haver + pp

5.2. Os critérios para delimitar a classe dos auxiliares em sentido estrito são os seguintes:

- a) Que em tais verbos se tenha processado perda semântica;
- b) Que apresentem unidade semântica com o verbo principal;
- c) Unidade funcional;
- d) Que pertençam todos a uma classe gramatical.

Unidade semântica: exige existência de um só sujeito para o complexo formado pelo verbo principal e o auxiliar.

Unidade funcional: exige indissolubilidade funcional pela negação, possibilidade de combinação com qualquer tipo de sujeito e comportamento como um todo, sob a incidência de um circunstante de tempo ou de um pronome clítico.

Pertencer a uma classe gramatical exige alta frequência média de ocorrência num texto dado, e número restrito de

elementos na classe, (inventário fechado) sem possibilidade de criação de outros por parte do falante.

Como se verá a seguir, adotamos somente alguns aspectos - da posição que acabamos de analisar no presente item, uma vez que seguimos parâmetros um pouco diferentes.

II - PROPOSTA DE UM MODELO DE AUXILIARIZAÇÃO

6. A partir das descrições feitas por Bernard Pottier em sua obra "Linguistique Générale", podemos distinguir três classes de verbos auxiliares que caracterizamos da seguinte forma:

- 1 - Auxiliar de Predicação (AxP)
- 2 - Auxiliar de Desenvolvimento (AxD)
- 3 - Auxiliar de Modalidade (AxM)

Colocamos de lado, em princípio, a caracterização dos auxiliares em sentido estrito, acima referida.

No modelo de análise da auxiliaridade, que passamos a propor, seguimos basicamente, a caracterização tripartida proposta dispersamente por Pottier, na obra citada.

Nos AxP poderíamos fazer ainda uma subdivisão:

- a) Auxiliar de Predicação Simples (AxP) - ser, estar; e
- b) Auxiliar de Predicação Apreciativa (AxA) - parecer, ficar, continuar, + SN' ou + GAdj.

Nos AxD poderíamos igualmente fazer uma subdivisão:

- a) Auxiliar de desenvolvimento (AxD) - começar a, parecer, ficar, continuar, etc., + pp, ger., inf., e

- b) Auxiliar de Expansão (AxE), correspondendo ao que L.Lobato designa como Auxiliar de Tempo e de Voz - ter, haver, ser + pp.

Por simplificação, preferimos não desenvolver tais subdivisões.

7. AUXILIAR DE PREDICAÇÃO

- 7.1. Nesta classe incluímos todos os verbos designados como verbos de ligação pela gramática normativa. Tais verbos acoplam o SN da base, ao SN predicado. Tal predicado é portanto, composto de AxP + SN' ou + GAdj. Neste caso o núcleo do predicado é o substantivo ou o adjetivo (SN' ou GAdj.).

De fato o predicado (PR) sempre comporta um elemento da categoria verbal que é um auxiliar, no caso de a predicação da base ser exercida por um substantivo ou adjetivo.

Ex.

Pedro é um herói	SN + SN' (SN' = $\frac{+}{-}$ AxP + SN)
Pedro é alegre	SN + GAdj. (GAdj. = $\frac{+}{-}$ AxP + GAdj.)
Pedro está feliz	SN + GAdj. (GAdj. = $\frac{+}{-}$ AxP + GAdj.)
Pedro parece satisfeito	SN + GAdj. (GAdj. = $\frac{+}{-}$ AxP + GAdj.)

8. AUXILIARES DE DESENVOLVIMENTO

8.1. O auxiliar de desenvolvimento relaciona-se com a descrição do acontecimento, exprimindo o ponto de vista do locutor sobre o mesmo. Está ligado ao aspecto, manifestando o ponto de desenvolvimento do processo verbal.

A designação do processo é expressa no infinito, participio ou gerúndio e o seu ponto de desenvolvimento é manifestado pelo auxiliar (AxD):

Ex.

Vou estudar
Começo a estudar
Estou estudando
Acabei de estudar.

8.2. O auxiliar de Desenvolvimento (AxD) designa:

- 1 - Determinado estágio de ação
- 2 - Mudança de comportamento
- 3 - Correlação de comportamentos

8.2.1. O auxiliar marca o estágio da ação que pode indicar seu aspecto potencial, inicial, em curso, terminal ou resultativo.

Potencial	Inicial	Em curso	Terminal	Resultativo
Vai amanhecer	Começa a amanhecer	Está a amanhecer ou amanhecendo	Acabou de amanhecer	Amanheceu
Está para chegar	Começa a chegar	Está chegando	É chegado	Chegou
Isto está por fazer	Começa a fazer	É feito	Está feito	Foi feito
Z 1	Z 2	Z 3	Z 4	Z 5

- Z 1: Iminência do processo: estar para, ir + infinito.
- Z 2: Início do processo: começar a, pôr-se a.
Nota: Os morfemas ligados por: -ec(er), -esc(er),
-iz(ar), manifestam esta mesma visão.
- Z 3: Processo em curso: estar a + infinito, estar + gerúndio.
- Z 4: Processo terminado: acabar de, cessar de.
Cada auxiliar rege um aspecto diferente do verbo,
através de construção perifrástica.

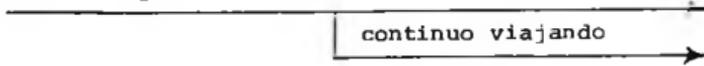
8.2.2. Mudança de comportamento

Resolvo viajar.
Desisto de viajar.
Decido-me a atender-te.
Fique sentado.

8.2.3. Correlação de comportamentos: indica dois momentos diferentes e contínuos do mesmo processo verbal.

Continuo viajando (ou "a viajar").

Estou viajando



continuo viajando

Pedro continua a estudar.

Em "estou viajando" não se faz referência à situação anterior, como acontece em "continuo viajando".

Para manifestar correlação descontínua:

Voltou a visitar o Rio.

Esta mesma idéia de correlação modalizante pode ser expressa por outros elementos mórficos:

"Ainda viaja"
Ele já viajou
Já é tarde
Paulo ainda não chegou
Pedro conserva ainda...

Pode indicar também momentos diferentes e descontínuos:

Viajou de novo
Saiu outra vez.

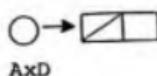
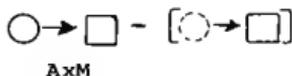
- 8.3. Os auxiliares de desenvolvimento podem se combinar num mesmo enunciado:

Estudo
Começo a estudar
Estou começando a estudar
Estou tentando começar a estudar (c/AxM)
Tenho estado tentando começar a estudar (c/AxM)

- 8.4. Em termos de estrutura, o auxiliar de desenvolvimento distingue-se do auxiliar modal pelo fato de o primeiro (AxD) manifestar uma formulação interna à proposição, enquanto, no segundo, (AxM), aquela é teoricamente externa, em nível profundo:

O AxD é interno ao SV
O AxM rege um outro enunciado pressuposto.

Daniel quer passear	Daniel está passeando
Daniel pode passear	Daniel tem passeado
	Daniel vai passear



8.5. Classificação dos AxD

De acordo com a modalidade de desenvolvimento da ação preconizada, podemos classificar os verbos auxiliares de desenvolvimento, conforme o aspecto do processo verbal que manifestam, em:

- 1) Iminentivos
- 2) Incoativos
- 3) Durativos
- 4) Permansivos
- 5) Reiterativos
- 6) Frequentativos
- 7) Cessativos
- 8) Resultativos

- 8.5.1. Iminentivos: exprimem ação próxima, iminente: estar para ou a + infinito, ir + gerúndio ou infinito: (ia atropelando ou ia atropelar), estar prestes a + infinito.
- 8.5.2. Incoativos ou inceptivos: manifestam a ação em seu início: começar a, passar a + infinito.
- 8.5.3. Durativos: designam a ação em desenvolvimento cursivo: estar, andar, viver, continuar, seguidos de gerúndio ou de "a" + infinito: estava almoçando, andava a procurar.
- 8.5.4. Permansivos: designam a permanência de determinada ação ou fato em determinado estágio. Verbos: ficar, permanecer, continuar, + particípio. Ex.: ficar: fechado.
- 8.5.5. Reiterativos: designam repetição ou reiteração do fato: voltar a, tornar a... + infinito.
- 8.5.6. Frequentativos: Designam repetição habitual de uma ação: costumar a + infinito.
- 8.5.7. Cessativos: (ou perfectivos): designam o término da ação: acabar de, terminar de, cessar de + infinito.
- 8.5.8. Resultativos (ou terminativos): exprimem o resultado da ação: conseguir, acabar por, vir a, chegar a + infinito. Acabar por pode confundir-se com o cessativo acabar de. Não se confunde, no entanto: acabar por estudar (resulta do), e acabou de estudar (cessação).
- 8.6. O aspecto durativo (8.2.1. atrás) é desmembrado aqui em quatro sub-conjuntos: Durativo, Permansivo, Reiterativo e Frequentativo.

9.1. O auxiliar modal situa-se na formulação modal, manifestando a atitude do sujeito falante em relação ao predicado. O AxM é sempre relativo à subjetividade: volitivo, desiderativo, causativo, permissivo, etc.

No AxM, como no AxD, conforme já vimos, empregam-se dois verbos para o mesmo enunciado. A designação do processo é expressa por um verbo no infinito ou um enunciado transferido por que, ou se; a proposição é, portanto, nominalizada.

Pedro quer estudar.



Pedro quer que João estude



Verificamos que uma sequência com AxM pode ter um ou dois actantes. Assim sendo distinguimos: modalidade interna (AxM + infinito), e modalidade externa (AxM + ENtr. por que).

Quero partir amanhã

Quero que ele parta amanhã.

Como o AxD, também o AxM manifesta determinado aspecto do processo verbal.

9.2. Classificação dos AxM

De acordo com a atitude do sujeito falante manifestada pelos auxiliares modais, podemos classificá-los em:

- 1) Volitivos
- 2) Conativos
- 3) Potentivos
- 4) Compromissivos
- 5) Sensativos
- 6) Causativos
- 7) Permissivos
- 8) Propositivos
- 9) Emotivos
- 10) Apreciativos
- 11) Supositivos
- 12) Declarativos

- 9.2.1. Volitivos: exprimem o desejo, a vontade, ou intenção de praticar determinada ação. Auxiliares: desejar, pretender, esperar, propor-se a... + infinito. Tais verbos - mais que supõem dois actantes.
- 9.2.2. Conativos: exprimem o esforço, a tentativa para realizar uma ação: tentar, tratar de, procurar, + infinito.
- 9.2.3. Potentivos: exprimem a capacidade para realizar determinada ação.

Auxiliar: poder + infinito

Poder é verbo polissêmico:

Poder 1: Ana pode₁ sair (está livre para ...) (permissão).

Poder 2: Ana pode₂ viajar (tem saúde para ...) (possibilidade).

Poder 3: Ana pode₃ ter chegado. (probabilidade).

Poder 4: Ana pode₄ dirigir o carro. (habilidade).

Poder 3: Pode₃ ser meio dia. (probabilidade).

O aspecto potencial expresso pelo AxM pode ser expresso também pelo sufixo-ável, -ível:

Ex.: - pode ser traduzido/X/é traduzível;
- pode ser lavado /X/é lavável.

- 9.2.4. Compromissivos: exprimem dever, obrigação, promessa, compromisso de praticar determinada ação.

Verbo: Dever e seus equivalentes: precisar de, necessitar de, prometer, comprometer-se, jurar, ter de, ter que, haver de + infinito.

Observação:

Dever também é um verbo polissêmico:

Dever₁: eu devo ficar (obrigação moral: eu agindo sobre mim mesmo).

Dever₂: eu devo ficar (imposição: obrigação dependente de outro: alguém me impõe que fique).

Dever₃: deve ser meio dia (probabilidade, suposição, conjectura).

Dever₄: eu nunca deveria ter ficado (finalidade vista - no passado).

Temos ainda: Prometer, comprometer-se a.

Ex.: Prometo respeitar a Constituição.

Comprometo-me a pagar.

Pela distribuição podemos correlacionar: poder, querer, e dever.

a) Paulo pode comprar um livro.

*Paulo pode - um livro. (agramatical)

b) Paulo quer comprar um livro.

Paulo quer - um livro.

c) Paulo deve comprar um livro.

Paulo deve - um livro.

(tendo o mesmo sentido).

Ainda:

Este livro deve ser guardado.

Este livro pode ser guardado.

* Este livro quer ser guardado.

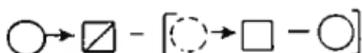
9.2.5. Sensativos: exprimem o aspecto intelectual de saber, - pensar, crer, imaginar, supor, achar, sentir, ver, ouvir.

Permitem que, com ou sem mudança de actante.

Eu ouvi bater a porta.

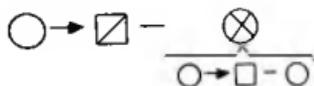
Eu creio conhecer o caminho.

Eu penso que é verdade.



ou

Eu penso que você terminará esse projeto.



- 9.2.6. Causativos ou Factitivos: exprimem a idéia de que uma ação verbal é causada por outra. Verbo fazer + infinito ou + EN transferido, e seus equivalentes: mandar + infinito, tornar, obrigar, forçar.

Paulo faz o cachorro sair.

Paulo faz o cachorro pegar a presa.

Há evidente afinidade entre:

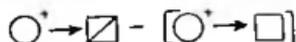
fazer ver → mostrar
 fazer saber → anunciar
 fazer morrer → matar.

Temos ainda:

mande-o entrar
 obrigue-o a sair
 force-o a entrar

O Factitivo supõe dois actantes com diferença de potencial: um actante-forte que age sobre um actante-receptor.

João manda Pedro entrar.



Nota: o aspecto verbal factitivo, além do morfema livre -AxM- pode ser expresso por morfemas ligados como: -ec(er), -esc(er), -iz(ar), mais modificadores (a-, en-), em certos casos:

tornar branco → embranquecer
 tornar duro → endurecer
 tornar nacional → nacionalizar
 tornar humano → humanizar

- 9.2.7. Permissivos: os auxiliares mais comuns são: deixar, permitir, autorizar.

- ele deixa passar o tempo despreocupado.
- deixa vir a primavera
- autorize que volte o foragido
- permita-me que lhe fale assim.

9.2.8. Propositivos: exprimem sugestão ou propõem ações, sem imposição. Verbos: sugerir, planejar, propor, e seus equivalentes.

João propôs construir uma casa.

9.2.9. Apreciativos: Mais vale..., vale a pena..., compensa..., etc., + infinito.

9.2.10. Emotivos: exprimem a emoção positiva ou negativa, diante da ação: temer, adorar, apavorar-se, amar, encantar-se, odiar, detestar, alegrar-se.

Temo chegar

Adoro viajar

Amo rever-te

Encanta-me ver-te

Quem me dera encontrar-te

9.2.11. Supositivos ou Veredictórios: indicam atitude de dúvida quanto à veracidade de algo. Verbos: parecer, aparentar, + infinito.

Os AxM: ver, ouvir, deixar, permitir... em posição assertativa, são auxiliares conceptualizados não ativos.

9.2.12. Declarativos: dizer, declarar, proclamar, (verbo discendi e declarandi) + infinito, ou + ENtr.

9.3. Caracterizações genéricas:

9.3.1. De modo geral o complexo de auxiliares modais (AxM) e verbo principal, quando biactancial, manifestam atitudes de manipulação pelo sujeito; os monoactanciais, atitudes de ação ou estado.

FORMULAÇÃO MODAL

Formas e Valor Expressivo

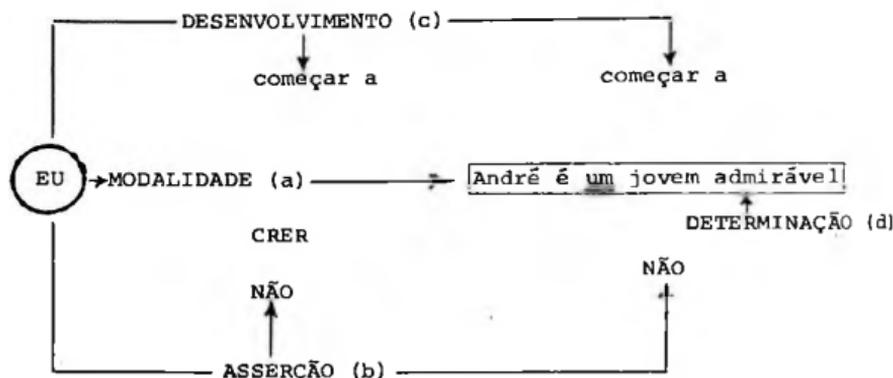
I

1. ABRANGÊNCIA E CARACTERIZAÇÃO GERAL

A formulação modal é caracterizada pelos elementos que manifestam a interferência da subjetividade, através da manifestação do EU enunciador, na proposição e sobre a própria formulação.

1.1. Tal manifestação, diz Pottier, pode revestir aspectos muito variados. (1976:158)

Essa diversidade de formas de expressão e manifestação da subjetividade é estabelecida em um quadro das formulações modais que podemos estabelecer assim:



- a) Creio que André é um jovem admirável.
- b) Creio que André não é um jovem admirável.
- c) Não creio que André seja um jovem admirável.
- d) Começo a crer que André é um jovem admirável.
- e) Creio que André começa a ser um jovem admirável.
- f) André é um jovem admirável.

1.2. Caracterização das Formulações Modais:

- a) MODALIDADE: é a crítica subjetiva da proposição:
 "Creio que André é um jovem admirável".
- b) ASSERTÇÃO: é uma formulação de incidência variável:
 "Creio que André não é um jovem admirável".
 "Não creio que André seja um jovem admirável".
- c) DESENVOLVIMENTO: é também uma formulação de incidência variável:
 "Creio que André começa a ser um jovem admirável".
 "Começo a crer que André é um jovem admirável".
- d) DETERMINAÇÃO: resulta de uma cronologia aplicada pelo locutor ao grau de atualização dos elementos da mensagem:
 "Creio que André é um jovem admirável".

1.3. O Dictrum e o Modus:

Num enunciado, unidade de comunicação, podemos distinguir:

- a) O dictum, conteúdo representativo, (o pôr em relação - um predicado e um sujeito).
- b) O modus, ou modalidade, a atitude subjetiva assumida - pelo sujeito em relação a tal conteúdo.

Um mesmo dictum, (um mesmo conteúdo semântico básico) pode ser manifestado de diversos modus. Os recursos da língua para a expressão da modalidade, atitude do sujeito, - são extremamente variados, em cada situação e contexto:

O dictum - "Paulo estudar" - pode ser expresso de diversos modus. Entre outros possíveis propomos alguns:

- 1 - Paulo estuda.
- 2 - Que Paulo estude.
- 3 - Paulo deve estudar.
- 4 - Paulo quer estudar.
- 5 - Paulo sabe estudar.
- 6 - É necessário que Paulo estude.

Uma dificuldade precisa ser superada de início: nem sempre é possível distinguir o que faz parte do predicado (interior do dictum), e o que revela o modus, a atitude do sujeito para com a predicação.

Ex.:

A enfermeira esteriliza (= faz ser estéril) os instrumentos cirúrgicos.

Assim sendo, somente inserimos na categoria de modalidade as unidades livres e não integradas no predicado.

1.4. Modalidade: Um Campo Aberto

A modalidade é uma área de estudo que se nos afigura riquíssima na análise de texto. No entanto quase nada se fez neste campo. A.J. Greimas, em curso realizado em São Paulo (1975), declarava que "a modalidade é um ponto escuro no comportamento das Ciências humanas". Ao tentarmos abordar este tema, estamos plenamente conscientes não só das dificuldades que ele oferece, mas mais ainda do seu valor.

"Na linguística não existe uma teoria das modalidades; na gramática clássica não há nada; nas gramáticas transformacionais e nas distribucionais, também nada de modalidades", declarou Greimas no mesmo curso. (Anotações pessoais).

Dado este fato, não pretendemos mais do que organizar operacionalmente alguns princípios que nos ajudem a compreender melhor os textos analisados.

Seguiremos de perto as obras de Pottier e Greimas, a quem pertencem, fundamentalmente, as teorias aqui expostas.

II

2. MODALIDADE DE TEXTO

2.1. Enunciado e Modalidade:

2.1.1. Expressão da Subjetividade:

Na definição de Pottier, a modalidade "é uma crítica - subjetiva da proposição" ou a manifestação do sujeito enunciativo sobre a proposição (1976:158) ; "é a expressão da subjetividade na mensagem linguística" (Pottier, 1976:39)

Em outros termos, seria a modificação do predicado pelo sujeito. A partir dessa premissa, Greimas completa:

"O ato da linguagem, com a condição de que o sujeito modalizador seja suficientemente determinado, é o lugar do surgimento das modalidades".

2.1.2. Enunciação e Modalidade:

Situada a gênese da modalidade na estrutura do enunciado, Greimas continua suas reflexões, mostrando a necessidade de buscar, além do enunciado, o processo de enunciação.

De fato, o ato de linguagem manifesta sua mensagem situando-se nos dois termos do processo: o enunciado e a enunciação:

"Todo ato depende de uma realidade desprovida de manifestação linguística. Assim, o ato de linguagem só é manifestado nos seus resultados e através deles, na qualidade de enunciado, enquanto enunciação, que o produz, só possui o estatuto de pressuposição lógica. O ato em geral só recebe a formulação linguística de duas diferentes maneiras: ou quando é descrito, de maneira aproximada e variável nos limites do próprio discurso, ou quando é objeto de uma reconstrução lógico-semântica, que utiliza os pressupostos extraídos da análise do enunciado, no quadro de uma meta-linguagem semiótica".

(Greimas, 1976:57)

2.1.3. Predicado e Modalidade

Definindo a problemática da modalidade, Greimas afirma: "o predicado representa o núcleo, isto é, a relação - constitutiva do enunciado, relação cujos termos límitro fes são os actantes".

(Greimas, 1976:58)

Caracterizada assim a função do predicado, o A. pode - completar:

"Todo o predicado que rege outro predicado torna - -se, por sua posição sintática, um predicado modal. Este, embora guardando seu estatuto enunciativo ca nônico (formulador, seja de um enunciado de fazer, seja de um enunciado de estado), pode então, rece- ber, apesar da identidade das lexicalizações nas línguas naturais, novas sobre determinações".

(ib. pg.62)

Esclarecendo melhor sua posição, completa:

"Visto que toda modificação de um predicado por outro é definida como uma modalização, tanto a performance ("o que faz ser") como a competência ("o ser do fazer") de- vem ser consideradas como estruturas modais".

(ib. pg.62)

2.1.4. Organização sintagmática das Modalidades:

a) Modalidades de competência e performance:

Greimas propõe um inventário provisório de quatro mo- dalidades:

querer
dever
poder
saber

Tal inventário, bastante restrito, não é, de forma - alguma, completo e nem fechado. (1)

(1) Outros conceitos modais poderiam ser considerados num estudo mais com- plete do Português. Verbos como pensar, crer, ver e outros suscitam outros - conceitos essenciais. (Ver: Pottier, 1976:, 39 ss.)

Considera ainda o A. que:

"Essas modalidades são suscetíveis de modular o estado do potencial, chamado competência, e reger assim, os enunciados de fazer e os enunciados de estado, modificando de certa maneira seus predicados".

(ib. pg.69)

Greimas articula as modalidades em níveis de existência, considerando apenas a competência pragmática e considerando-a como uma instância potencial pressuposta pelo ato. Tais níveis mantêm entre si relações de pressuposição orientada a partir da performance (que pressupõe a competência).

Propõe então o seguinte quadro:

Competência		Performance
Modalidades Virtualizantes	Modalidades Atualizantes	Modalidades de Realização
-dever-se fazer -querer fazer	-poder fazer -saber fazer	fazer-se

(ib. p.74)

b) Modalização de virtualidade e eventualidade:

Em outro ensaio, o A. define dois tipos possíveis de execução:

"Os enunciados modais, que têm por função o querer, instauram o sujeito como uma virtualidade, enquanto que os dois outros enunciados modais, caracterizados pelas modalidades do saber e do poder, determinam esse fazer verbal através de duas maneiras diferentes: como um fazer proveniente do saber, ou como um fazer que se funda sobre o poder".

(Greimas, 1975:162)

Esclarece o A. que estas duas modalizações diferentes do fazer manifestam-se ao nível da execução:

1. Nas execuções modalizadas pelo saber-fazer o sujeito executante agirã, ao nível de manifestação, por astúcia ou engano;
2. Nas modalizações pelo poder-fazer "o sujeito executante não utiliza nem a sua energia e seu poder, real ou mágico".

(id. ib)

2.2. Enunciado Modal e Outros Enunciados

Caracterização Geral:

A partir de uma análise sumária dos diversos tipos de enunciados podemos distribuí-los em quatro categorias básicas:

- 1) Enunciado Simples (EN)
- 2) Enunciado Modal (ENM)
- 3) Enunciado Descritivo (END)
- 4) Enunciado Atributivo (ENA)

Analisando tais categorias de enunciados esboçaremos a tipologia dos mesmos, proposta por Greimas:

2.2.1. Enunciado Narrativo Simples

O Enunciado Narrativo Simples pode ser reduzido a uma forma canônica mínima:

$$EN = F(A)$$

onde o fazer, enquanto processo de atualização é denominado função (F) e o fazer, enquanto potencialidade do processo, é designado actante (A).

"Os enunciados narrativos são enunciados sintáticos, isto é, independentes do conteúdo investido em tal ou tal fazer".

F e A, elementos constitutivos do enunciado são isótopos: toda alteração semântica em F repercute necessariamente em A, e vice-versa. "O actante é isótopo de sua função".

(Greimas, 1975:155)

2.2.2. Enunciados Modais e Descritivos:

Podemos construir uma tipologia dos enunciados narrativos e dos actantes, introduzindo restrições semânticas determinadas. Seja, v.g. o enunciado:

"Paulo planta uma árvore."

Se a função plantar for especificada pelo acréscimo do classema antropomórfico "querer", o actante, isótopo desta função, pertencerá a uma classe restrita: a dos actantes sujeitos. O fato de o classema querer ser antropomórfico exige um actante sujeito como operador eventual do fazer.

Assim sendo, podemos distinguir, ao lado dos enunciados descritivos (END), outro tipo de enunciado narrativo: o enunciado modal (ENM).

Do ponto de vista linguístico, querer é um predicado modal que rege enunciados propriamente descritivos. Ex.

- 1) Paulo quer que Ana estude
- 2) Ana quer estudar.

Tais enunciados linguísticos têm a seguinte estrutura subjacente (ES), analisados como enunciados semânticos:

- 1) F: querer/S: Paulo; O (F: estudo; A: Ana)
- 2) F: querer/S: Ana ; O (F: estudo; A: Ana)

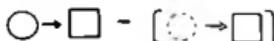
ou em esquema



A introdução de querer requer a construção de dois enunciados distintos, sendo o primeiro enunciado modal (ENM) e o segundo, enunciado descritivo (END). O segundo serve de Actante-Objeto ao primeiro, com o qual está em relação hipotática.

Podemos considerar o ENM como "o desejo de realização" de algo presente como END. Este faz parte do ENM como objeto.

Ana quer estudar



O ENM é a enunciação de programas virtuais explicitados no quadro dos actantes-objetos, ficando entendido que o actante-objeto do ENM pode ser convertido num END. Neste caso há a substituição do ENM de função "querer" por um enunciado modal de existência, pressuposto implícito de todo o END.

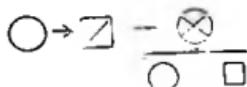
(Greimas, 1975:156)

Paulo quer que Ana estudo

Em ES:

EN₁: Paulo querer (isto)

EN₂: Ana estudar



2.2.3. Enunciado Atributivo:

Considerando o ENM como o "desejo de realização" de um programa e que o sujeito de tal desejo está presente como actante-objeto na forma de enunciado-programa como END, convém especificar novas características de tal enunciado (END).

Ex.:

- 3) Paulo quer um livro
- 4) Paulo quer ser honesto.

Semanticamente e em estrutura subjacente (ES) estes enunciados podem ser representados da seguinte forma:

- 3) F: querer/S: Paulo; O (F: aquisição; A: Paulo; O: livro);
- 4) F: querer/S: Paulo; O (F: aquisição; A: Paulo; O: honestidade).

Ficam assim caracterizados dois outros tipos de enunciados, ao lado do enunciado de fazer, já estudado:

O enunciado do ser.

O enunciado de ter.

Estes podem ser considerados como subclasse do enunciado descritivo, podendo ser designados como enunciados atributivos.

Ao nível da descrição semântica os dois enunciados têm estrutura idêntica: os dois estabelecendo relações de atribuição entre o sujeito e o objeto semântico.



Distinguem-se, entretanto, pela natureza externa ou interna dos objetos atribuíveis. Reunindo as funções dos dois enunciados, modal e descritivo, verificamos que o enunciado de posse institui o objeto de posse virtual - como um valor e que tal objeto, o livro, é um valor externo ao sujeito que o deseja; a honestidade, por outro lado, representa um valor interno ao sujeito.

Tal diferença é expressa sintaticamente ao dizermos que a relação entre o sujeito e o objeto do enunciado atributivo (ENA) é hipotática, no primeiro caso, e hiponímica no segundo.

Resumindo:

- a) A modalidade do querer permite a construção de enunciados modais (ENM) de dois actantes: o sujeito e o objeto. Manifestando tal enunciado "o desejo de", exige-se a existência de um virtual sujeito executor, e um objeto de valor.
- b) O objeto valorizado pela modalidade do querer, enquanto actante do ENM, pode ser transformado ou em END de fazer (ex. 1 e 2), ou em ENA (ex. 3 e 4) e a atualização da modalidade manifesta-se pela posse dos objetos-valores indicados nos ENA.
- c) A designação das relações hipotática e hiponímica enquanto caracterizam atribuição a um sujeito, de objetos-valores externos ou internos é capital importância para a compreensão das estruturas narrativas. Ela oferece um critério formal para distinguir duas ordens de valor: objetivos e subjetivos.

2.2.4. Enunciados Modais em função Atributiva

O enunciado narrativo permite a utilização de enuncia- dos modais em função de enunciados atributivos, funcio- nando aquele como enunciado descritivo:

5) Paulo quer saber (algo)

6) Paulo quer poder (algo)

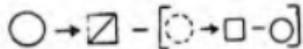
Em estrutura subjacente teríamos:

ES:

5) EN₁ - Paulo querer algo

6) EN₂ - Paulo saber algo

Em esquema:



Semanticamente verificamos facilmente também a possibi- lidade de o ENM funcionar como END:

ENM (9) = F: querer/S; O/F: saber ou poder; A; O

2.2.5. Enunciado Atributivo e o Translativo

O Enunciado atributivo (ENA) é também designado por Greimas como enunciado translativo (ENT). O A. justifi- ca tal designação pelo fato de não se tratar de uma sim- ples aquisição de valor, mas uma transferência: "se o objeto-valor é atribuído ao sujeito dominante é porque o sujeito dominado está, ao mesmo tempo, privado dele".

O nível em que se operam as transferências, "que é o ní- vel descritivo e não operacional, pode receber uma re- presentação topológica antropomorfizada: os actantes - são concebidos, não mais como operadores, mas como luga- res onde se situar os objetos-valores".

(Greimas, 1975: 163)

III

3. FORMA LINGÜÍSTICA DA MODALIDADE

3.0. O Linguísta e o Semanticista

Analisando a modalidade em linguística, Pottier contrapõe o trabalho do pesquisador semanticista ao do linguísta:

"O semanticista do texto tem a vantagem de atribuir conceitos, etiquetando-os intuitivamente a partir de sua compreensão do discurso. O linguísta é obrigado a levar em conta os signos empregados e a proceder à sua análise. Este encontra-se diante de numerosas polissemias".

(1976:158)

Seguindo ainda a análise do linguísta citado, podemos declarar que também na língua portuguesa há mais de uma centena de formas usuais para exprimir a modalidade, sob a forma de verbos, adjetivos, substantivos e diversos elementos gramaticais. De qualquer manifestação sintática, a formulação modal é sempre situada no "EU" enunciador.

(id.ib)

Situado, assim, o tipo de análise que o linguísta se propõe, passamos a propor alguns princípios.

Podemos distinguir três tipos de formas gramaticais para a expressão da modalidade em Português:

- 1) O EIXO MODAL
- 2) O MODO
- 3) A DEPENDÊNCIA MODAL

Passamos a desenvolver cada um dos três tipos:

3.1. O Eixo Modal

Em português a marca da modalidade é geralmente exercida por um verbo auxiliar com função gramatical. O verbo auxiliar é conjugado, enquanto o principal é "nominalizado" no infinito (modalidade interna). O verbo auxiliar pode ainda ser seguido de qu mais enunciado (modalidade externa).

O estudo dessa estrutura da modalidade já foi desenvolvido ao tratarmos dos auxiliares modais (AxM) no capítulo sobre "O VERBO AUXILIAR E O ASPECTO EM PORTUGUÊS".

Temos alguns tópicos a acrescentar ao referido capítulo:

- a) Para propormos um fato como eventual, podemos utilizar formas que nos situam dentro de uma graduação, do (-) ao (+) certo, proposto pelo locutor:



é possível que.../ é provável que.../ é certo que.../

- A zona do "possível" pode ainda ser manifestada por "pode ser que..."etc.
- A zona do "provável", por: provavelmente, parece que, ... etc.
- A zona do "certo", por: é evidente que, é visível que, é claro que, é fato que, seguramente, é lógico que, indubitavelmente...

- b) A apreciação subjetiva pode ser manifestada como positiva (+) ou como negativa (-):

- é pena que
- é triste que
- é lamentável que
- é espantoso que
- é vantajoso que
- é apaixonante que
- é maravilhoso que
- é excelente que

3.2. O Modo

Os modos exprimem um grau de asserção subjetiva:

As formas verbais do indicativo e do subjuntivo manifestam uma modalidade também num eixo contínuo (+) e (-).



Tal oposição fundamenta-se no grau de realização que o locutor deseja manifestar.

a) Indicativo = visão de forte eficácia (+).

Ex.:

- para quem gosta de história...
(não se põe em dúvida)
- cada página que lia mais se perturbava

b) Subjuntivo = visão de fraca eficácia (-).

Ex.:

- para quem goste de história...
(existência não afirmada)
- cada página que lesse mais se perturbaria

3.3. A Dependência Modal

A dependência modal exprime o grau de relação que vai de suposição à pressuposição:

-	+
se...	que...
(hipotético, incerteza, suposição, dúvida, <u>ques</u> tionamento)	(certeza, confirmação, assertativo)

O que modal opõe-se a se. Um como o outro têm dupla função:

- a) manifestar a graduação modal.
- b) transferir um enunciado em sequência nominal (1).

Podemos inserir as partículas de dependência modal no seguinte enunciado:

Pedro já comprou o livro

Informe-me se Pedro
já comprou o livro.

Informou-me que Pedro
já comprou o livro.

(1) A gramática tradicional denomina o que e se modais como "conjunções integrantes".

O diretor pergunta se o problema foi resolvido. O diretor afirma que o caso já foi resolvido.

O SE modal manifesta incerteza, dúvida, questionamento. O QUE manifesta certeza, confirmação.

Tal distinção facilmente se verifica em:

- 1 - Pedro saiu para verificar - se tu agiste bem
- que tu agiste bem.
- 2 - Afirmo que sou corintiano.
- 3 - Não sei se irei ao cinema.
- 4 - Não sei se você reparou que tudo subiu de preço.
- 5 - Pergunto se você vai ao teatro.

Os verbos do enunciado principal, de modo geral, já contêm o conteúdo semântico (+) ou (-) que os relacionantes modais que ou se do enunciado dependente expressam:

Fato afirmado	{	Confirmo que viajei (+) (+)
		Sei que você estudou (+) (+)
Fato duvidoso	{	Não sei se você virá (-) (-)
		Pergunto se você estudou (-) (-)

Tal fato, porém, não tem valor absoluto:

- Não sabia que era feriado (-, +)
- Não sabia se era feriado (-, -)
- Pensava que iria à cidade (+, +)
- Pensava se iria à cidade (+, -)
- Verifico que agiste bem (+, +)
- Verifico se agiste bem (+, -)

3.4. Afinidade entre as Formulações Modais

A conotação semântica de dúvida, hipótese, reserva, ques-

tionamento de valor "-", opõe-se globalmente à de afirmação, confirmação, certeza, conotada pelo traço semântico "+".

Dependência modal	se	que
Modo	subjuntivo	indicativo
Substituto	interrogativo (que, quem)	relativo (que)
Determinante	um	o

Em nossa pesquisa preocupamo-nos com a manifestação semântica em termos do conteúdo apresentado, independentemente das categorias gramaticais. Assim, ao analisar a asserção descrevemos os vocábulos de valor afirmativo ou negativo (interno), de valor negado (externamente) ou questionado (externamente).

IV

4. OUTRAS FORMAS LINGÜÍSTICAS DA MODALIDADE

4.1. Asserção

A asserção é um sub-conjunto da formulação modal, compreendendo a negação, a interrogação, a hipótese e a ênfase.

4.1.1. Segundo Greimas, um

"conteúdo, qualquer que seja, deve existir de início, para poder ser negado ou afirmado depois".

(Greimas, 1973: 322)

Situando o valor do julgamento assertativo ou denegativo, no quadro das relações registradas ao nível da estrutura elementar da significação, o A. interpreta-o da seguinte forma: "A denegação seria de ordem disjuntiva; consistiria na constatação do termo negativo da estrutura; a asserção, em compensação, seria de ordem conjuntiva e afirmaria a existência do paradigma".

(ib. p.322)

Tratando da denegação, diz o A. que ela parece dar conta das substituições paradigmáticas: "a substituição sincrônica pode ser compreendida como a denegação do termo manifestado em favor do termo subentendido, apreendido simultaneamente".

(id. ib)

"Em outras palavras, completa o A., a denegação - nega o termo positivo e coloca o termo negativo, - manifestando sucessivamente os dois termos do paradigma, ou, o que dá no mesmo, pressupondo o conteúdo do positivo como dado e não manifestando senão seu termo negativo".

(id. ib. p.323)

Ex.:

luz → trevas
vida → não vida

E completa:

"A manifestação das definições positivas pressupõe a manifestação das definições negativas".

(ib. p.325)

Como nos parece que estas reflexões de Greimas são de grande utilidade para a análise de um texto literário, moremente em se tratando de poesia moderna, e verificando que tal posição dá conta da definição de poesia como a projeção do eixo sintagmático sobre o paradigmático (Jakobson) permitimo-nos acompanhar um pouco mais o texto que estamos estudando.

"Assim, continua o A., a denegação e a asserção aparecem como dois procedimentos sucessivos, como a

manifestação de dois tipos de relações disjuntivas e conjuntivas - que se estabelecem entre conteúdos previamente dados. Como essas relações são metalinguísticas em relação aos termos linguísticos entre os quais elas se estabelecem, esta nova interpretação não contradiz em nada a formulação anterior, segundo a qual a denegação e asserção eram consideradas funções modais das mensagens meta-semânticas. Só que, como se trata da consecução de duas funções, devemos considerar a sequência diacrônica, assim definida, não mais como uma mensagem, mas como um algoritmo dialético, constituído de duas mensagens.

(Greimas, 1973:325)

Manifestando a existência solidária dos termos pressupostos, o A. conclui:

"É aqui que podemos retomar a questão relativa à natureza da pressuposição que define a asserção. Podemos dizer que, para Bernanos, como, aliás, para Hegel, a asserção se define como a pressuposição recíproca: não somente a manifestação das definições positivas pressupõe a das definições negativas, mas é ao mesmo tempo pressuposta.

Em outras palavras, não basta, para que as definições positivas se manifestem, que as definições negativas estejam já manifestadas; é preciso, ainda, que a manifestação dessas últimas exija, como uma necessidade lógica, o aparecimento das definições positivas".

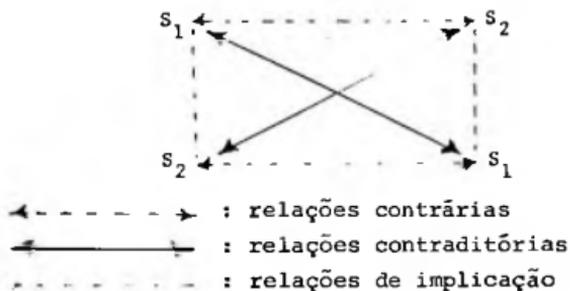
(Greimas, 1973:326)

4.1.2. Em outro ensaio, Greimas insiste:

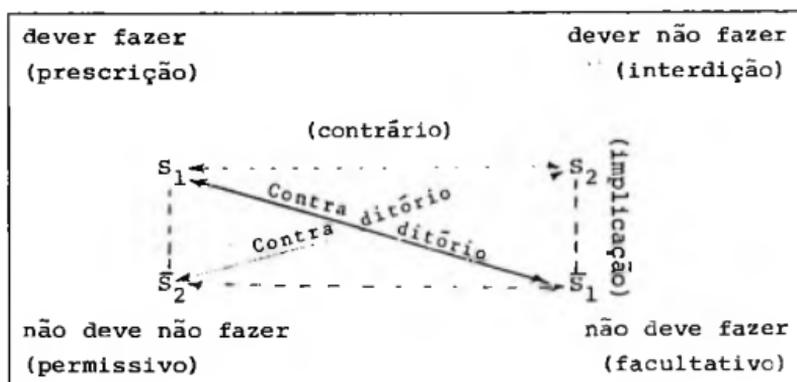
"A admissão de que um procedimento dialético, segundo o qual a negação de um termo é, ao mesmo tempo, a asserção do termo contraditório, encontra-se representado, ao nível da gramática superficial, - por dois enunciados narrativos independentes, dos quais o primeiro, com a sua função de dominação, - corresponde à instância da negação, e o segundo, - com sua função de atribuição, à instância de asserção".

(Greimas, 1973:159)

Greimas estabelece o estatuto das relações de disjunção, conjunção, contrários, contraditórios e de implicação, em esquema, através do seguinte quadrado semiótico:



Exemplo das relações:



4.2. Negação

A negação de um morfema corresponde à marca "-" pressupondo sempre, implicitamente, a marca "+" preexistente à negação.

- Os morfemas mais utilizados em português para indicar a marca "+" e "-" são:

"+"	"-"
Sim	Não
Com	Sem
-	Nem
Sempre	Nunca
-	Jamais

- A marca negativa é proposta por um ou mais morfemas.

Ele não chegará nunca.

- A sentido positivo de um morfema prescinde de marca. A ausência de marca negativa é suficiente.

A marca positiva somente é utilizada:

- a) em situação de ênfase, quando o sentido positivo está em dúvida:

"Ele virá, sim"

- b) em oposição ao valor negativo:

"Não é um livro, e sim um caderno".

- Em situação de ênfase, a marca de negatividade pode ser redobrada:

"Não li não".

A marca negativa pode ser:

- a) externa ao morfema, ou
- b) integrada no mesmo.

fato não realizável	(a)
fato irrealizável	(b)
lei não constitucional	(a)
lei inconstitucional	(b)
ele não está conformado	(a)
ele está inconformado	(b)
isto não é possível	(a)
isto é impossível	(b)
ideal não atingível	(a)
ideal inatingível	(b)

Dizemos então que o vocábulo tem valor negativo (intrínseco) ou valor negado (externamente).

Há marcas frouxamente integradas:

- o fato é não controlável (a)
- o fato é incontrolável (b)

- A incidência da negação é variável; pode incidir sobre todo o enunciado ou somente uma das partes.

Seja o enunciado:

O homem destrói a natureza.

A negação do enunciado é ambígua:

O homem não destrói a natureza.

Restam as dúvidas possíveis:

- quem então a destrói?
- que lhe faz ele então?
- destrói então o quê?

A negação parcial ao nível do sintagma, oferece maior precisão:

- não é o homem que destrói a natureza.
 - não é a natureza que o homem destrói.
 - não é destruir a natureza o que o homem faz.
- Com verbos auxiliares modais temos as seguintes possibilidades de negação parcial, no sintagma:

/Paulo quer que o filho estude/

- Não é Paulo quem quer que o filho estude.
- Paulo não quer que o filho estude.
- Paulo quer que não seja o filho que estude.
- Paulo quer que o filho não estude.

Nota: as palavras sublinhadas indicam o lugar de incidência da negação.

- Alguns morfemas incluem o sema/negação/ como parte integrante de sua estrutura sêmica:

Ex.:

Proibição estacionar (V) não pode estacionar
Rejeitou o livro (V) não aceitou o livro

4.3. Interrogação

Como a negação, também a interrogação é de incidência variável: pode incidir sobre todo o enunciado ou sobre uma das partes do mesmo.

A incidência de uma interrogação sobre todo um enunciado, cria ambigüidade.

- sei que ele virá.
- não sei se ele virá.
- talvez ele venha.
- quem sabe se ele virá.
- possivelmente ele virá.

A dúvida pode incidir sobre elemento negado:

talvez ele não venha.

Em tais casos, como na interrogação, é questionado determinado valor.

FUNÇÃO EXPRESSIVA DO MODO E FORMAS NOMINAIS

1. O MODO

- 1.1. Ao distinguirmos o modo verbal tivemos em mira o seu alto valor expressivo ao lado dos outros elementos já propostos. De fato, o Modo é a propriedade que tem a forma verbal de designar a nossa atitude psíquica em face do fato que exprimimos. "Exprime a reação do sujeito pensante" em relação à proposição, diz Bally.

Na língua portuguesa dispomos de três modo essenciais:

- 1 - Indicativo, em que asseguramos o fato;
- 2 - Subjuntivo, em que enunciamos o fato com dúvida;
- 3 - Imperativo, em que demonstramos a vontade de que o fato se dê, conotando imposição.

"O modo subjuntivo, incluindo o imperativo, assinala uma tomada de posição subjetiva do falante em relação ao processo verbal comunicado.

No indicativo não há essa "assinalização", mas não se afirma a sua inexistência" (Mattoso, 1970:89)

- 1.2. O modo indicativo é predominante no falar corrente. Este pode ainda substituir o subjuntivo e o imperativo. A expressão da vontade ou da dúvida manifesta-se, neste caso, através de outras formas disponíveis. O Modo indicativo é o mais usual e básico da língua portuguesa. Em princípio, é aquele em que indicamos ou asseguramos um fato; é também chamado modo da percepção pois "designa o que existe ou se passa tal qual é percebido por um nosso sentido externo ou interno" (Mattoso, 1970:89):

- Pedro construiu uma casa
- A planta cresce

- 1.3. O Subjuntivo é o modo verbal pelo qual manifestamos que o processo é passível de dúvida, sendo apenas admitido - subjetivamente. Pode também exprimir o desejo de que um

fato ocorra, empregando-se a forma do presente com valor de optativo, em oposição ao imperativo que manifestava uma ordem imposta. "O subjuntivo tem a característica sintática de ser uma forma dependente de uma palavra que o domina, seja o advérbio talvez, preposto, se ja um verbo de oração principal" (Mattoso, 1970:91).

- Talvez te visite hoje
- É preciso que te prepares
- As cortes exigem que volte
- Quem ... dera que o conseguisses

- 1.4. O Imperativo é o modo verbal que exprime a vontade subjetiva do falante em relação ao comportamento próprio ou de outrem.

Rigorosamente falando, as formas do imperativo, em português, são apenas as de 2ª. pessoa gramatical, utilizando-se também a 3ª. pessoa para o tratamento indireto. As demais formas do imperativo são idênticas às do subjuntivo presente, desaparecendo, neste caso, a oposição entre o optativo e o imperativo. O imperativo negativo, correspondente a proibições, também é suprido pelo subjuntivo presente.

- Não beba, não corra...

O imperativo é expresso ainda pelo indicativo futuro do presente.

- Honrarás pai e mãe.

2. AS FORMAS NOMINAIS

As formas nominais do verbo (infinito, gerúndio e particípio) são sintaticamente subordinadas por transferência.

- 2.1. O Infinito é uma forma verbo-nominal. Apresenta o processo verbal em si mesmo, e não em função de dado momento de sua realização, como nas formas verbais propria

mente ditas. É a base de várias conjugações perifrásticas e de locuções verbais.

- Vou estudar
- Quero viajar
- Faço questão de viajar

Constitui ainda oração reduzida, chamada substantiva, em posição de subordinada integrante de outra oração.

- Terminá-lo é problemático

Como oração independente tem valor de imperativo ou de optativo, evocando substantivamente o processo que se quer ver realizado.

- Não furtar

a) Verbo principal no infinito, precedido de verbo auxiliar:

A frase ou perífrase verbal assim constituída tem um sentido geral de ação progressiva dirigida para o futuro (em relação ao tempo do auxiliar), ou propósito de executar uma ação.

- Vou escrever; ia escrever; preciso de escrever.

b) Verbo principal no infinito regido por a precedido de auxiliar.

Tais perífrases ocorrem geralmente com verbos de movimento, exprimindo o aspecto incoativo: Significa que a ação começa a efetuar-se, seja na intenção subjativa; seja na realidade exterior.

- Começo a crer
- Estava a aproximar-se
- Começa a preocupar-se

Pode ainda expressar o aspecto durativo; a ação em desenvolvimento.

- Andava a voar
- Estava a escrever
- Continuava a estudar

c) O infinito antecipado do relacionante de, indica o término recente da ação.

- Acabei de avisá-lo
- Vem de falar com o presidente

2.2. Verbo principal no Gerúndio, precedido ou não de auxiliar:

O Gerúndio dá à frase em que se emprega um sentido geral de aspecto durativo, de ação em desenvolvimento, cujos matizes dependem do verbo que o acompanha .

a) Com verbos imperfectivos, o gerúndio reforça a duração que o verbo tem já de per si. Entre estudo e estou estudando, somente há a diferença de ação mais duradoura manifestada pela segunda forma.

b) Com verbos que exprimem ações de curta duração, o gerúndio introduz o aspecto reiterativo.

- O caçador dispara /V/ o caçador está disparan
- do
- O filho beija sua mãe /V/ está beijando sua
- mãe.

○ → □

○ → □□□□

c) Estar + gerúndio significa o simples prolongamento da ação, sem outros matizes.

- Ana está vivendo com seus pais
- Paulo está dormindo tranqüilamente
- Estava saindo do cinema.

d) Com o auxiliar ir e vir + gerúndio, acrescenta-se à duração a idéia de movimento e progressão.

- "Vai voando Nonô"
- Vão entrando
- Venho observando o tempo
- O mar ia-se abrindo
- A fera ia recuando

2.3. Verbo Principal no Particípio, precedido ou não por Auxiliar:

O particípio exprime um processo verbal, enquanto serve de adjunto a um substantivo.

- a) O verbo no particípio é caracterizado pelo aspecto perfectivo, concluso e até permansivo, de que resulta, nos verbos transitivos, uma passividade que o fez base da locução de voz passiva com o verbo auxiliar ser.
- b) Com o auxiliar ter e haver, de aspecto perfectivo, o particípio fica invariável, perdendo a flexão de gênero e número. Significa ação perfeita e acabada:

- Após ter descoberto o Brasil...
- Já havia observado a paisagem...

- c) O aspecto permansivo, mas ativo, aparece nos verbos intransitivos.

- Homem viajado
- Moço estudado

Daí, a forma com valor substantivo:

- O deputado
- O pescado
- A caçada

DETERMINANTE1. Caracterização Geral

- 1 - Como sub-conjunto da formulação modal, a determinação aplica um grau de atualização aos elementos do enunciado. Tal grau de atualização é estabelecido por uma oposição fundamental entre uma visão anterior, ainda não determinada, e prospectiva, e uma visão posterior, determinada, retrospectiva, implicando anterioridade, referente ao locutor.

$\xrightarrow{-}$ Paulo deu-me <u>um</u> livro	//	$\xrightarrow{+}$ o livro (que Paulo me deu é muito bom
Ana produz textos para o rádio		<u>Os</u> textos que Ana produz são muito claros

2 - Funções do Determinante

- 2.1. O artigo é o determinante principal, em língua portuguesa. É uma partícula proclítica que se junta ao nome substantivo para caracterizá-lo.

Dã-se o nome de artigo às palavras o (com suas variantes: a, os, as) e um (com suas variantes: uma, uns, umas).

- 2.2. Os determinantes se antepõem aos substantivo para indicar:

a) que o ser a que se refere é já conhecido do ouvinte, ou porque foi mencionado antes ou por ser objeto de um conhecimento de experiência.

Ex: A casa estava em festa.

b) que se trata de um único representante de cada espécie, ao qual ainda não se fez menção.

- 2.3. No primeiro caso dizemos que o artigo é definido, no segundo, indefinido.

O indefinido tem ainda muita afinidade com o numeral.

Ex: dê-me um livro (= Unidade+Indeterminação). Eventualmente pode provocar ambiguidade.

"Assim façamos nossa vida um dia" (F.Pessoa)

"Aqui, um é numeral)

O definido tem afinidade com o demonstrativo.

Ex: aquele livro é o teu.

Aliás, diacrônicamente falando, é sabido que o artigo definido deriva do demonstrativo latino illum, illam > lo > o, la > a. Daí considera-se como plenamente justificada tal afinidade em certos contextos.

2.4. O artigo definido serve para

a) caracterizar o nome substantivo como indivíduo bem definido de uma espécie.

ex: o plano é este.

b) caracterizá-lo como síntese ou protótipo da própria espécie.

ex: este é o homem.

ele tem a casa

O artigo está com função enfática, podendo considerar-se como "pressuposição estilística".

Tal ênfase é manifestada prosodicamente como o alongamento do Determinante.

c) quando queremos indicar o aspecto contínuo do nome.

ex: o sal é muito útil.

o cobre é um metal caro.

Com o indefinido torna-se descontínuo.

ex: dê-me uns cobres

O vinho faz bem / V / tomei um vinho delicioso.

2.5. O artigo indefinido (um) apresenta, na intenção do locutor, um elemento novo, ainda não determinado.

Ex: dê-me uma caneta.

O artigo definido (o) pressupõe um elemento conhecido, ou considerado como tal.

Ex: a caneta, que você me deu, não escreve.

Se recusarmos tal distinção, teremos o artigo \emptyset (zero).

Ex: "Livros são papéis pintados com tinta". F. Pessoa.
Cão é sempre cão.

"Em casa de ferreiro, espeto de pau".

- 2.6. A oposição um/o, aparece em muitos contextos, que provocam o efeito de sentido.

Ex:

Uma árvore deve ser protegida e preservada /V/ A árvore deve ser protegida e preservada.

(Todos os elementos pertencentes a esta classe considerados individualmente)

(Todos os elementos pertencentes a esta classe, considerados globalmente. Prende-se ao conceito)

- 2.7. O artigo \emptyset (zero) é utilizado quando pretendemos manifestar uma visão genérica.

Ex: -Mantenha-se em silêncio

-Chuva e sol é o que as plantas querem

-Ordem e progresso.

O artigo pode ser \emptyset (zero) diante de um nome modificado por possessivo.

Ex: Este é o meu livro " V / este é meu livro.

- 2.8. Há certos conceitos que se impõem por si mesmos, por serem elementos de experiência comum e constante, para os quais empregamos normalmente o artigo definido. A utilização do indefinido, nestes casos, fica em função enfática:

O sol é útil /V/ um sol abrasador.

Os nomes próprios igualmente se impõem por si mesmos, pois se aplicam a seres plenamente determinados. Nestes casos, o emprego do artigo definido não tem outra função além da gramatical.

Pedro / V / o Pedro

Lisboa / V / o Rio de Janeiro

- 2.9. O artigo é instrumento privativo do substantivo. Daí que a junção de um artigo a uma palavra é a forma básica para a sua substantivação. No entanto a substantivação também admite o artigo \emptyset ou pronome adjetivo

Ex: - O comer e o beber
- o sim e o não
- o que e o porquê
- o belo e o feio

BIBLIOGRAFIA CITADA

- 1 - BARBOSA, Maria Aparecida, Língua e Discurso, São Paulo, Global, 1978
- 2 - BENVENISTE, Emile, Problemas de Linguística General, México, Siglo XXI, 1971.
- 3 - CÂMARA JR., Joaquim Mattoso, Estrutura da língua Portuguesa, Petrópolis, Vozes, 1970
- 4 - CUNHA, Celso - Gramática da Língua Portuguesa, Rio, Fename, 1972.
- 5 - GREIMAS, A.J. Semântica Estrutural, (trad. H.Osakabe e I.Blikstein), S.Paulo, Cultrix, 1973.
- 6 - GREIMAS, A.J. Sobre o Sentido, Ensaio Semânticos. Petrópolis, Vozes, 1975.
- 7 - GREIMAS, A.J.. Semiótica do Discurso Científico. Da Modalidade. S.Paulo, Difel. SBPL. 1976
- 8 - JAKOBSON, Roman, Linguística e Comunicação, (trad.I.Blikstein e J.Paulo Paes) S.Paulo, Cultrix, 1969
- 9 - LOBATO, Lúcia M. Pinheiro, Os Verbos Auxiliares em Português Contemporâneo, in Análise Linguística, Petrópolis, 1975.
- 10 - MARTINET, André, Elementos de Linguística Geral, (Trad. e adaptação de Morais-Barbosa) Lisboa, Sã da Costa, 1970.
- 11 - POTTIER, Bernard, Presentación de la Linguística, (trad. Antonio Quilis) Madrid, Alcalá, 1968.
- 12 - POTTIER, Bernard, Linguística Moderna y Filología Hispánica, (versão espanhola de Martin, B.Álvarez) Madrid, Gredos, 1968.
- 13 - POTTIER, Bernard, Gramática del Espanhol, (versão espanhola de Antônio Quilis) Madrid, Alcalá, 1970.
- 14 - POTTIER, Bernard; AUDUBERT, Albert; PAIS, Cidmar Teodoro, Estrutura Linguística do Português, S.Paulo, Difel, 1972.
- 15 - POTTIER, Bernard - Linguística Générale, Paris, Klincksieck, 1974.

- 16 - POTTIER, Bernard, Sur la Formulation des Modalités en linguistique, in, Langages, nº 43. Paris, Larousse, 1976.
- 17 - SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Linguística Geral, (trad. A.Chelini, J.Paulo Paes, I.Blikstein)